



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA – MODALIDADE LICENCIATURA

ROMUALDO BATISTA MALAQUIAS

**A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA, O CINEMA E AS QUESTÕES DE  
GÊNERO**

CAMPINA GRANDE

2022

ROMUALDO BATISTA MALAQUIAS

**A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA, O CINEMA E AS QUESTÕES DE  
GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Filosofia modalidade Licenciatura,  
da Universidade Federal de Campina Grande,  
como requisito parcial para a obtenção do grau  
de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Carvalho

CAMPINA GRANDE

2022

Dedico este trabalho à maior heroína de minha vida, minha mãe!

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Edinalva Joana da Silva, por ser um exemplo de mulher que batalhou a vida toda. Enfrentando adversidades do destino, com muita garra e perseverança, conseguiu ensinar aos filhos o gosto pela leitura e fome pelo conhecimento desde a primeira coleção de livros infantis comprada quando eu tinha 9 anos. Muito obrigado por ser um exemplo de mãe, mulher e alguém que jamais entregou os pontos na vida. Sou guerreiro, pois aprendi com a maior heroína da Terra como devemos encarar a vida. Obrigado por me incentivar a ler.

Existem pessoas que nunca leram Simone de Beauvoir ou Judith Butler, mas já faziam o que elas dizem. Um exemplo disso é minha vó, Josefa Joana da Conceição Silva (*in memoriam*). Com ela aprendi que não existe brincadeira de menino ou menina e sim brincadeira. Obrigado por ser um exemplo de Filósofa!

Agradeço a minha irmã Rafaela e meu irmão Rafael por terem tido paciência, dando apoio total a meus sonhos e as loucuras que fiz durante toda graduação e na vida íntima também. Vocês são meu porto seguro. Sei que não importa se é tempestade ou bonança estou em paz quando estamos juntos.

Agradeço de maneira especial ao meu orientador, prof. Dr. Flávio de Carvalho, por ter notado em mim um potencial que eu jamais pensei que tivesse. Desde a primeira disciplina até os dias atuais, vejo um mestre que me ensina como ser ético, profissional, professor, educador e, principalmente, amigo. Quero ser um professor na qualidade que o senhor é porque igual não tem como ser. No entanto na qualidade profissional e de amigo é uma meta que aspiro.

Ao prof. Dr. Luciano da Silva, por dedicar horas de conversas e troca de experiências; por incentivar sempre e proporcionar que eu soubesse como é bom sonhar. Me fazendo ir em busca de apresentar um trabalho tão especial que foi a semente deste TCC. Rompendo minha zona de conforto, ousei, graças a ele, e consegui apresentar algo que foi elogiado e me deu confiança para seguir em frente ousando mais.

Ao prof. Dr. Ricardo Sousa Silvestre, por me convidar a participar de seu projeto de extensão, o Café Filosófico, auxiliando em meu desenvolvimento em organizar palestras e eventos acadêmicos.

À supervisora, Prof<sup>a</sup>. Kalligiana Araújo de Farias, pela dedicação, carinho, respeito e, principalmente, pelas lições de como ser uma professora que faz a diferença em sala de aula. Fazendo a diferença não apenas na vida de quem é estudante como também na vida de todos e de todas ao seu redor. Muito obrigado por ser tão incrível.

Agradeço à minha amiga, Angélica Batista Barbosa, que me inspirou em estudar Simone de Beauvoir, apresentando essa pensadora no TCC dela.

Agradeço aos meus amigos e minhas amigas, que são familiares, Marcos, Joana, Jailson, Anette (*in memoriam*), por tudo que fizeram por mim ao longo desses dezesseis anos dentro da UFCG, mostrando que existem pessoas de coração puro que só sabem multiplicar as amizades. Amo muito vocês.

Agradeço muito por tudo que aprendi com Diego Charles da Silva Basílio e Douglas Alexandre Saraiva Leão. Por poder participar dos eventos da Pesquisa da UFCG, seja organizando congressos, descobrindo o que posso fazer como profissional enquanto pesquisador, sobre em aprendizado sobre currículo *lato sensu* e *stricto sensu*. Pelos debates que enriqueceram bastante minha passagem na Coordenação de Pesquisa, mas quero agradecer a amizade firmada ao longo de todos esses anos e exemplo de profissionais que fazem com maestria seu trabalho, muitas vezes indo além do que é exigido.

À Prof<sup>a</sup> Nadege da Silva Dantas, por minha passagem na Extensão da UFCG, indo para eventos em outras sedes, conhecendo como é engrandecedor ter e ser parte da Extensão. E, principalmente, que extensão não é apenas uma via de saber, existe uma troca mútua e é isso que faz a extensão ser tão maravilhosa. Além de uma amizade que ficou para a eternidade.

Ao amigo Paulo de Andrade Medeiros, por proporcionar que me tornasse professor no Pré-vestibular (PVS) da UFCG. Ser professor de Filosofia no PVS agregou um novo olhar sob as metodologias e as práticas em sala de aula. No PVS agradeço também ao professor Ualison Taian por ceder o espaço para disciplina de Filosofia caminhar junto a de Geografia.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza de Souza Rezende da Unidade Acadêmica de Engenharia de Produção, minha eterna professora de Desenho Técnico; pessoa que amo muito, uma tia que a UFCG me trouxe; e amo o apelido de Coelho da Alice, por sempre subir as escadas para as aulas correndo e atrasado.

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo, por acreditar em meu potencial como bolsista do Programa Residência Pedagógica e proporcionar que eu conseguisse atuar nas escolas participantes do programa, ministrando minicursos e palestras.

Aos irmãos que a graduação proporciona, Guilherme Buriti, que sempre esteve comigo organizando as oficinas, aulas, artigos e dando conselhos sobre vida acadêmica. Muito obrigado por ser o melhor companheiro de viagens do Brasil! Ao Altemar Souza Almeida, que sempre me ouviu nos momentos mais estressantes do curso, nos alegres também, porém algo que ele me mostrou foi como ser um estudante dedicado, esforçado e que busca atingir a perfeição. Outro irmão é Júlio Marcelo, por embarcar em minhas loucuras e estarmos sempre trocando ideias de como repensar nossas metodologias; sempre dando conselhos e trocando experiências de vida. Ao grande sábio, Pedro Batista, que é um irmão da vida, pessoa que amo muito, respeito e tenho em meu coração.

Existem almas gêmeas sim no Universo, tenho Prissila e Tereza como duas almas que são para todo tipo de terreno, seja o triste ou alegre. Dividi bastante coisas com elas e foram pessoas que souberam me entender, ouvir e dizer o que eu precisava para ousar e ser mais. Saibam que tenho vocês em minha mais alta estima. Ambas são do Design porque sou aquele que forma amizade em todos os cursos.

“Metade do mundo são mulheres. A outra metade, os filhos delas.”

***Efu Nyaki***

## RESUMO

Esta pesquisa aborda a utilização do cinema como forma de se trabalhar as Questões de Gênero no Ensino de Filosofia do Ensino Médio. Nesse sentido, investiga primeiramente a relação entre o Cinema e a Filosofia através da produção de conceitos-imagens e problematiza as questões de Gênero e a Filosofia. Em seguida, apresentamos a relação entre cinema e questões de gênero, onde o cinema coloca-se como recurso didático importante nas aulas de Filosofia. O objetivo geral foi compreender como, no ensino de filosofia, podemos trabalhar questões de gênero utilizando o cinema como recurso metodológico, trazendo objetivos específicos, tais como, analisar a relação entre o ensino de filosofia e o cinema; compreender como o cinema expressa os aspectos constitutivos das identidades de gênero. A metodologia utilizada é qualitativa de natureza básica, exploratória e bibliográfica. Relata a experiência dos Estágios Supervisionados do curso de Filosofia, modalidade Licenciatura, da UFCG. O referencial teórico resulta de uma articulação entre os conceitos de compreensão do corpo na obra *O segundo sexo* (2016), de Simone de Beauvoir, e a construção de subjetividade na obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018), de Judith Butler; e o de conceito-imagem presente na obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (2006), de Júlio Cabrera. O resultado alcançado mostra que o cinema como ferramenta metodológica em sala de aula tem muito a contribuir para o ensino de Filosofia no Ensino Médio e para o filosofar em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Ensino de Filosofia. Questões de Gênero. Cinema



## ABSTRACT

This research addresses the use of cinema to work on Gender Issues in Philosophy Teaching in High School. It primarily investigates the relationship between Cinema and Philosophy through the production of concept-images, and it also problematizes Gender Issues and Philosophy. Next, the relationship between cinema and gender issues is presented, in which cinema represents an important didactic resource in Philosophy classes. The main objective was to understand how cinema could be used as a methodological resource to work on gender issues in philosophy teaching, raising specific objectives, such as to analyze the relationship between philosophy teaching and cinema; and to understand how cinema expresses the constitutive aspects of gender identities. The research presents a qualitative methodology with a basic, exploratory and bibliographic nature. It reports the experience of the Supervised Internships of the Philosophy undergraduation, licentiate degree, at UFCG. The theoretical framework is a result of an articulation between the concepts of understanding of the body in *The Second Sex* (2016), by Simone de Beauvoir, of the construction of subjectivity in *Gender trouble: feminism and subversion of identity* (2018), by Judith Butler, and of the concept-image in *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (2006), by Júlio Cabrera. The result demonstrates that cinema, as a methodological tool in the classroom, has much to contribute to Philosophy Teaching in High School and to philosophizing in the classroom.

**Keywords:** Philosophy Teaching. Gender Issues. Cinema.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1.** SEXISMO NO CINEMA, dados colhidos no ano de 2017 sobre o cinema de Hollywood, Créditos: Poligraph

**Tabela 2.** Desigualdade de Gênero, dados colhidos no ano de 2017 sobre o cinema de Hollywood, Créditos: New York Film Academy

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1.** Cena do filme "King Kong" (1933), de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack

**Figura 2.** Cena do filme "King Kong" (1976): Foto Jessica Lange, John Guillermin

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 – CINEMA, FILOSOFIA E QUESTÃO DE GÊNERO</b> .....	17
1.1 O Cinema e a Filosofia.....	17
1.2 Questões de Gênero e Filosofia.....	21
1.3 Cinema e Questões de Gênero.....	26
<b>CAPÍTULO 2 – ENSINO DE FILOSOFIA, CINEMA E QUESTÃO DE GÊNERO</b> .....	35
2.1 Ensino de Filosofia e Cinema.....	35
2.2 Ensino de Filosofia e Questões de Gênero .....	42
2.3 Análise dos Livros Didáticos do Ensino Médio e como trabalham a utilização do Cinema e as Questões de Gênero .....	45
2.4 As personagens principais e rompimento com estereótipos normativos .....	51
<b>CAPÍTULO 3 – EXPERIÊNCIAS DURANTE OS ESTÁGIOS SUPERVISADOS NAS ESCOLAS DE CAMPINA GRANDE</b> .....	61
3.1 A utilização do filme como recurso pedagógico nas aulas de Filosofia durante os Estágios Supervisionados.....	61
3.2 Corujão Filosófico como fator de Educação Filosófica .....	71
3.3 Sugestões de como podemos trabalhar com os filmes numa aula de Filosofia .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87
<b>ANEXOS</b> .....	91
Planos de aulas utilizados na regência: .....	91
Detalhamentos dos filmes utilizados nas oficinas durante o PIBID e Residência Pedagógica.....	97

## INTRODUÇÃO

O cinema sempre fez parte da vida da humanidade ao longo dos séculos e há muitos anos ele vem sendo utilizado em sala de aula para ampliar as opções de recurso metodológico. Nosso foco, neste texto, será apresentar como ele deve ser utilizado em uma aula de Filosofia no Ensino Médio público brasileiro. Partindo da concepção de conceito-imagem no autor Julio Cabrera iremos apresentar as diversas formas metodológicas de uso. Devemos compreender que a utilização de imagens gera uma motivação filosófica. O cinema não é filosófico, nosso olhar é que torna o filme algo filosófico.

Ao longo da História da Filosofia temos um silenciamento das Filósofas e, assim, nosso trabalho visa também apresentar os conceitos de duas filósofas: Simone de Beauvoir e a Judith Butler. Cada uma delas buscou estudar gênero em relação com o seu tempo. Veremos que Beauvoir tratou sobre a compreensão do corpo da mulher e apresentou que não basta utilizar questões biológicas para definir o ser mulher. Em Butler iremos explorar a constituição de subjetividade do sujeito diante da noção que o gênero é uma construção não acabada a partir da cultura, estando esse sujeito em constante construção. Assim sendo, o gênero deve ser visto como um ato performático, ele depende da realidade que nos cerca.

Diante do exposto, construímos nosso texto da seguinte forma: no primeiro capítulo, iniciaremos apresentando o conceito-imagem do filósofo Julio Cabrera; que é produzido pela união entre o *phátos* (emoção) e o *logos* (razão). O autor denomina esse termo como logopático. Através desse impacto emocional podemos ter uma reflexão filosófica. Para Cabrera o cinema é uma forma alternativa para construção da Filosofia. Nesse sentido, é a narrativa do filme que conduz quem assiste a pensar; quando se coloca no lugar da personagem que apresenta alguma situação que gera essa ligação direta com o sujeito que está transpondo a mera emoção do drama para uma criação de algo vivenciado em sua vida. É nesse momento surge o componente pático (que é a união entre os elementos lógicos e afetivos). O filme não entra em cena para substituir os livros didáticos, ele vem ampliar os materiais didáticos que podem e devem ser utilizados em sala de aula de filosofia.

Em seguida (ainda no primeiro capítulo), analisaremos a relação entre questões de gênero e a filosofia trabalhando com as ideias das filósofas Simone de Beauvoir e Judith Butler. Iniciamos com Simone de Beauvoir apresentando sua crítica em relação

à diferença de tratamento que a sociedade faz no modo como trata as mulheres e as mulheres.

Apresentamos as diversas fases da vida da mulher, começando pela infância onde o órgão genital é tratado como secreto. Na fase entre a infância e adolescência vemos que surge o molde da “mulher perfeita”. Durante a juventude, temos a repressão familiar que gera uma pessoa passiva e sem vontade própria. Na fase em que a mulher já está na sua idade mais avançada ela perde o direito de ser mulher, gerando assim “um terceiro sexo”. Dando continuidade à discussão temos a Judith Butler que analisará a constituição do sujeito. Apresentando o gênero que tem em sua constituição o ato da performance que o sujeito apresenta para sociedade, ela busca mostrar que existe uma fluidez no gênero e não uma determinação rigorosa que classifica o sujeito como era anteriormente divulgado na sociedade.

Veremos também como o cinema trabalha as questões de gênero. Analisando alguns filmes que marcaram a história cinematográfica. Poderemos compreender como o cinema foi explorativo em relação ao corpo das mulheres, diferente do que acontece com os corpos masculinos. Tendo como ampla maioria um grupo de homens em suas produções que ocupavam cargos diversos, o cinema trazia para as telas uma sensualidade desnecessária em filmes como King Kong, Tarzan, entre outros.

No segundo capítulo, iremos adentrar no campo de ensino de filosofia e cinema como recurso didático. Será explorado nesse capítulo como podemos trabalhar com um filme em sala de aula; como pode ser a seleção dos filmes e que a aula de Filosofia com a utilização do cinema não é uma aula comum. Também vamos apresentar que devemos ter como um norte a noção de proporcionar um debate após cada filme. Nesse debate deve-se aproveitar ao máximo todo conhecimento que a classe tiver e estimular que busquem trazer hipóteses embasadas da Filosofia com questionamentos sobre atos e ações das personagens dos filmes. Temos alguns diálogos entre estudantes do Ensino Médio publicados pela professora Mestra Maria de Fátima Raposo que apresenta bem o que pode acontecer numa sala de aula de filosofia durante os debates. E reforçamos que não existe filme filosófico, é o nosso olhar que torna ele filosófico.

Complementando a presente discussão, vamos apresentar o ensino de filosofia e as questões de gênero, fazendo assim uma ponte entre conteúdo que existe nos livros didáticos e as questões de gênero. Apresentando dados obtidos nos livros didáticos do PNLD 2018, sobre como estes livros lidam e apresentam os filmes com

temática de questões de gênero em suas páginas. Com essa análise, pretendemos estimular que tais questões sejam mais trabalhadas em sala de aula. Cabe aqui à(ao) professora(or) criar o seu próprio material.

No terceiro e último capítulo, buscaremos relatar nossa experiência durante os Estágios Supervisionados realizados durante o curso de Licenciatura em Filosofia. Apresentando como foi a nossa experiência ao longo no Estágio Supervisionado: sempre observando as transformações que a educação passava naquele momento, o começo das Escolas em tempo integral, as diferentes abordagens metodológicas e vivências em duas escolas, apresentando cada uma o seu universo único. Nos primeiros estágios ficamos encarregados de ver e compreender toda estrutura física da escola. Também apresentaremos como o cinema foi utilizado em sala de aula de filosofia, no ensino médio em duas escolas da rede pública da Paraíba. No Estágio Supervisionado III existe a experiência da semirregência, em que damos docência compartilhada e damos um auxílio durante uma aula ao professor. Ministrando parte do conteúdo programático em conjunto com o professor supervisor do estágio. Essa intervenção é importante, pois nos preparamos para o que vem na disciplina. No Estágio Supervisionado IV temos a regência de uma aula como objetivo principal da disciplina. Nesse momento da regência ocorreu a utilização de um filme como recurso metodológico em nossa regência e detalhamos mais nesse capítulo como foi toda essa experiência.

Durante o período do estágio tivemos a experiência em paralelo no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Cidadã Integral Severino Cabral, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Atuando como auxiliar na sala de aula, entre outras atividades, já que por exigência do Programa o bolsista não assume a regência da sala. Tivemos nesse momento de atuação diversas oportunidades para apresentar a união entre cinema e filosofia, sendo criado dentro do programa o Corujão Filosófico. Essas seções de cinema proporcionavam que uma turma pudesse vivenciar a emoção do cinema com pipoca, sala escura e logo após o filme tínhamos um debate sobre a temática explorada. Um fato curioso aconteceu durante as sessões: todos os filmes escolhidos tinham a temática de gênero como principal tema, sem ser premeditado, aconteceu assim.

E complementando as experiências do estágio supervisionado tivemos a oportunidade de atuar no Programa Residência Pedagógica agindo na Escola Cidadã Raul Córdula, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Esse programa

demanda que a(o) licencianda(o) em filosofia atue como professora(or) no ensino médio público. Tivemos um momento em que foi oferecido como disciplina eletiva, ministrada pelas(os) bolsistas com duração de duas aulas semanais. A disciplina trabalhava com a temática das emoções e podemos apresentar um filme com esse tema e com protagonismo feminino não-binário.

Apresentaremos diversas possibilidades neste trabalho para utilização do cinema no debate que diz respeito as questões de gênero no ensino de filosofia. Este trabalho é realizado para quem é cinéfilo e para aqueles que não acreditam no uso do cinema em sala de aula de filosofia.



## **CAPÍTULO 1 – CINEMA, FILOSOFIA E QUESTÃO DE GÊNERO**

### **1.1 O Cinema e a Filosofia**

O cinema é uma forma que o ser humano criou para conversar com as imagens. Antes do cinema, podia se ter essa conversa com as fotos, obras de arte etc. Foi no final do século XIX, em 1895, na França, que o cinema foi inventado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière. Por ser construído por um conjunto de sequências, o cinema foi uma criação extraordinária. Mas para chegar nas projeções atuais, o cinema passou por várias transformações de acordo com a modernização tecnológica. Uma delas, foi conseguir sintetizar obras em filmes de algumas horas. O cinema é também um meio de interagir com o público, passando emoções para cada indivíduo. Com seu conjunto de sons, cenas, trilhas sonoras, o cinema desperta as emoções em todos nós. Até mesmo o cinema mudo provoca emoções.

O cinema como recurso midiático vem conquistando cada dia mais públicos, de diversas idades – desde crianças até mesmo idosos. Além de ser um meio de lazer, forma de entretenimento, o cinema pode ser usado como artifício metodológico. As mídias causam um impacto positivo na vida escolar, fugindo do âmbito do livro e ampliando o horizonte de possibilidades para utilização desse recurso. Compreendemos que o livro didático ainda é um meio muito forte para pesquisa, discussões em sala de aula. O livro que outrora exclusivamente auxiliava nas salas de aulas, hoje ganha novas versões. Livros digitais, ganharam complementos novas seções, novos modelos de materiais didáticos podendo ser interativos.

Assim, não podemos ficar restritos apenas ao modelo tradicional de ensino, mas devemos nos direcionar a outros modelos, com os mais diversos recursos metodológicos disponíveis ao alcance geral como, por exemplo, o cinema, música, jogos, entre outros. Diante do exposto, não estamos desvalorizando o livro didático, mas proporcionando uma espécie de apoio, para utilização de outros artifícios metodológicos.

Nossa sociedade está cada vez mais dependente das tecnologias, e uma vez que as escolas estão incluídas na sociedade, a escola pode ser um meio onde essas tecnologias serão usadas para fins metodológicos. Tiremos como exemplo o que aconteceu e está acontecendo durante a pandemia da covid-19 que assola o Brasil e o Mundo neste momento, e coube as escolas realizarem aulas de forma remota,

utilizando as plataformas de ensino, o YouTube, vídeos através dos celulares, entre outros meios para não parar de vez o ensino nas escolas do país.

Sabemos que existem várias formas de artifícios metodológicos, nosso trabalho nesse contexto é o cinema, como ele pode ajudar no âmbito da sala de aula. Observamos que o cinema está sendo um recurso viável para o ensino, e daí a questão: como podemos usar o cinema como instrumento de ensino?

Torna-se essencial no ensino de Filosofia, pensar sobre a utilização dos questionamentos filosóficos que compõem um filme. E vejamos que Cabrera afirma:

À primeira vista, pode parecer assustador falar do cinema como uma forma de pensamento, assim como assustou o leitor de Heidegger ao inteirar-se que “a poesia pensa”. Mas o que é essencial na filosofia é o questionamento radical e o caráter hiperabrangente de suas considerações. Isto não é incompatível, ab initio, com uma apresentação imagética (por meio de imagens) de questões, e seria um preconceito pensar que existe uma incompatibilidade. (CABRERA, 2006, p. 17).

O conceito-imagem não deve ser entendido como um conceito externo, pelo contrário, ele é interno e instaura-se dentro de uma experiência. Quando afetado pelo conceito-imagem, o espectador gera a união entre o *páthos* e o *logos*. o termo “logopático<sup>1</sup>” (CABRERA, 2006 p. 20) diz do impacto emocional que o sujeito pode ter diante do filme proporcionando-lhe a reflexão filosófica. Cabrera considera que através das imagens podemos filosofar com os filmes. Na concepção dele o cinema é uma forma alternativa para construção da filosofia.

Com um conjunto de conceitos-imagens, cenas, sons, o cinema desperta sentimentos em nós. Alguma cena nos marca, nos colocamos no lugar da personagem do filme ou até nos identificamos com algo trabalhado no filme. São esses sentimentos que o cinema provoca, quem nunca lembrou de uma cena que marcou nossa vida naquele momento? O cinema tem a função de prender a atenção dos indivíduos e de compartilhar suas emoções. Quem nunca sentiu aquela vontade de chorar durante um filme? Ou sentiu adrenalina, ou até mesmo um sorriso? O cinema nos encanta, nos prende, nos possibilita imaginar.

O cinema nos ajuda a compreender o que a personagem estava passando naquele momento. Engloba nossos sentimentos mesmo partindo de uma tela e esse

---

<sup>1</sup> O logopático favorece a ruptura, a problematização do particular, o terrível, o devastador. A logopatia problematiza a exclusividade lógica, o controle, a harmonia, o estético, o tranquilo, o regulado, o dominável, o divino.

é o poder do cinema. Além da parte artística, o cinema tem função de libertar as emoções. Compreendendo assim, perguntamos: Como conciliar o cinema com as aulas de Filosofia? Como o cinema auxiliará nas aulas de Filosofia?

O cinema deve ser encarado como mais um recurso didático a ser utilizado em sala de aula, ficando sob responsabilidade de quem ministra as aulas de Filosofia buscar uma interação entre o filme e o conteúdo programático do ano letivo. O filme não pode ser apenas para o entretenimento da turma, ele deve ser fundamental para uma melhor compreensão do conteúdo. Vale salientar que o filme não é um conteúdo filosófico, utilizando seu conhecimento sob filosofia a(o) professora(or) problematizará questões que visem guiar a sala ao caminho do filosofar.

Por exemplo, o filme dos *X-man*, pelo fato de trabalhar com o debate de que ser mutante é algo que difere eles dos outros seres que não têm poderes, pode nos auxiliar numa melhor compreensão da importância de se colocar no lugar do outro. Julio Cabrera, em sua obra “*O cinema pensa*”, relata o seguinte:

Em geral, costumamos dizer a nossos alunos que, se apropriar de um problema filosófico, não é suficiente entendê-lo: também é preciso vive-lo, senti-lo na pele, dramatizá-lo, sofrê-lo, padecê-lo, sentir-se ameaçado por ele, sentir nossas bases habituais de sustentação são afetadas radicalmente. Se não for assim, mesmo quando “entendemos” plenamente o enunciado do problema, não teremos nos apropriado dele e não teremos realmente entendido. [...] Talvez o cinema nos apresenta uma linguagem mais adequada do que a linguagem escrita para expressar melhor as intuições” (CABRERA, p. 16-18)

Para que essa criação seja efetuada, cada estudante deve vivenciar os problemas apresentados na película cinematográfica, sentir na sua pele, sendo de fundamental importância que ocorra comoção com a cena do filme. O recorte da imagem deve provocar o seu intelecto de tal maneira que essa inquietação consiga fazer gerar uma reflexão sobre como aquilo ocorre e como solucionar. Cabrera proporciona uma nova perspectiva para afetar cada estudante na sala de aula com problemas filosóficos trabalhados nos filmes, deixando bem claro aqui que o filme não é algo filosófico, nosso olhar de filósofos é que o torna uma ferramenta poderosa e valiosa, onde a filosofia estimula o olhar crítico de cada estudante provocando assim o questionar: se aquilo fosse com você de forma seria sua reação?

Para entender melhor que um filme trabalha com conceito-imagem, algo muito trabalhado por Cabrera em seu livro, devemos compreender que ele é algo instaurado no próprio filme. Uma forma singular de apresentar o problema que vai além da visão

de quem está dirigindo o filme. O conceito-imagem é tudo que está envolvido no ato: a visão da direção no recorte de cena; a sonoplastia e o olhar atento de quem está assistindo. Este último carrega a cena de emoção nessa combinação de atos. O conceito-imagem pode ser o filme completo ou apenas uma cena, não existe uma regra para que o conceito-imagem exista.

A experiência filosófica pode começar seu movimento inicial nessa etapa com as imagens fortes e precisas de um filme e em outra etapa temos a sensibilização: movimento realizado pela(o) professora(or), onde a(o) estudante é convidada(o) a gerar um novo movimento de criação partindo de seu contexto histórico. Com isso pretende-se despertar em cada estudante o desejo de buscar um caminho que gere a possibilidade de problematizar qualquer questão em sua vida e se estenda aos filmes. Não podemos confundir “impacto emocional”, com “efeito dramático”, pois pode haver filmes que não são dramáticos e nesse filme haver um componente pático (união entre os elementos lógicos e afetivos).

O curto tempo das aulas de Filosofia no Ensino Médio, de apenas cinquenta minutos de aula por semana, faz com que as(os) professoras(es) tenham que se utilizar de recortes de filmes, o uso de curtas. Isso porque fica impossível assistir um filme inteiro. Assim esse recurso de usar recortes tem em si uma vantagem, podemos apresentar apenas os trechos que são pertinentes ao diálogo em sala de aula, já que algumas vezes as(os) estudantes podem ficar dispersos com alguma cena de ação ou comédia. Isso ocorre nos primeiros filmes trabalhados com a sala, pois estão ainda sem maturidade de experiência para ter um foco em detalhes que passam despercebidos.

Portanto, ao se deparar com um filme, a(o) estudante deve sentir o desafio de buscar reconhecer o conceito. Sentido ali o confronto com sua realidade e buscar a solução cabível para esse impasse. Quando temos esse movimento de provocar e aguçar o instinto de encontrar uma solução nas(os) estudantes, é proveitoso permitir que elas(es) possam demonstrar o que está lhe causando inquietude. Não podemos apenas usar como base nosso ponto de vista do assunto, mas devemos estimular que eles, como outros observadores, possam dizer o que foi que lhes afetou e qual forma podemos sair daí com uma lição que servirá para suas vidas.

Nesse sentido, o debate com a turma a partir de um filme visa potencializar mais o aprendizado e todos da turma são convidados para o debate. A(O) professora(or) pode ainda, se possível for criar um grupo em uma hora alternativa para

exibir filmes completos. Uma roda de cinema, cineclube, corujão, são alguns nomes que já fazem parte do cinema e da filosofia caminhando em conjunto nas escolas do Brasil.

Não queremos aqui mostrar ou transparecer que o filme possa substituir qualquer outra modalidade metodológica do professor em sala aula. Estamos aqui apresentando o que pode e deve ser utilizado como uma outra metodologia em sala de aula. O cinema é um recurso que pode ser usado, e se for utilizado de maneira correta, tem grande proveito. Principalmente quando utilizado em conjunto com trechos de textos clássicos da filosofia, usando-os para construir uma melhor aderência do conteúdo.

Assim, pretendemos entender o verdadeiro potencial do uso do filme em sala de aula. Em que a película deixa de ser um recurso que é na maioria das vezes mal utilizado, quando é usado apenas para complementar a hora. E queremos que seja um meio de aprendizagem com o qual as(os) estudantes possam ter uma noção crítica de assuntos diversos, dessa forma despertando neles o seu próprio pensamento crítico diante da sociedade em que vivem.

## 1.2 Questões de Gênero e Filosofia

Simone de Beauvoir foi uma filósofa francesa que tinha apreço pela liberdade, seja ela individual ou intelectual. Durante muitas décadas, o governo francês dividia os papéis sociais determinados para homens e mulheres. Assim a função social da mulher era de cuidar de sua casa e ser mãe. Com o lema “*Trabalho, Pátria e Família*” servindo de pretexto para endossar tal compreensão. Contudo, foi publicando no fim da década de 1940, o livro “*O Segundo Sexo*”. Em que Simone de Beauvoir busca demonstrar como a mulher sempre foi desvalorizada historicamente pelos pensadores, colocando-a sempre como submissa, inferior, incompleta.

A autora apresenta alguns pensadores que buscaram fundamentar as diferenças entre os gêneros. Por exemplo, Hegel afirmava que é através da união sexual que o indivíduo rompe com a desproporção que cada indivíduo possui e assim consegue se completar e tornar-se um só gênero; e ainda que esse processo só pode ocorrer porque existem diferenças entre os dois sexos. Respondendo a essa afirmação, Beauvoir apresenta que a superação do indivíduo na espécie poderia ocorrer de forma assexuada ou entre iguais, mostrando que o erro de Hegel está em

“fazer sempre razão da significação” (BEAUVOIR, 2019 p. 34). Beauvoir aprecia a visão de Hegel, porém, segundo ela, devemos ir além da razão da significação, pois somente a partir da vivência que o ser humano cumpre sua sexualidade.

Segundo a filósofa, a educação da menina é baseada na castração de sua genitália, bem diferente dos meninos que têm a sua exposta e comemorada por todos do seio familiar. No seu livro vemos de forma detalhada como a autora apresenta como a sociedade compreende as fases da vida da mulher. Vejamos como Beauvoir analisa as fases da vida da mulher, começando pela infância:

O destino da menina é muito diferente. Nem mães nem amas têm reverências e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e que não deia pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. (BEAUVOIR, 2019, p. 16).

Na transição entre a infância e adolescência vemos como o molde da “mulher perfeita” é pressionado contra a jovem, utilizado sempre para limitá-la. Vejamos como a filósofa relata essa transição:

Compreende-se agora que o drama dilacera a adolescente no momento da puberdade: ela não pode tornar-se adulta sem aceitar sua feminilidade; ela já sabia que seu sexo a condenava a uma existência mutilada e paralisada; descobre isso agora sob a forma de uma doença impura e de um crime obscuro. (BEAUVOIR, 2019, p. 74)

E continua relatando como a jovem é reprimida pela família:

Durante toda a infância a menina foi reprimida e mutilada; entretanto, percebia-se como um indivíduo autônomo; em suas relações com os pais, os amigos, em seus estudos e jogos, descobria-se então como uma transcendência; nada fazia senão sonhar com a sua futura passividade. (BEAUVOIR, 2019, p. 75)

E Beauvoir também apresenta como a mulher é percebida na sua idade mais avançada, perdendo assim o seu direito de ser mulher, vejamos:

Já se afirmou que as mulheres idosas constituem “um terceiro sexo”, e, com efeito, não são machos e não são mais fêmeas, traduzindo-se amiúde essa autonomia fisiológica por uma saúde, equilíbrio e vigor que antes não possuíam. (BEAUVOIR, 2019, p. 59)

Ainda vai mais além quando ela apresenta como a sociedade enxerga a mulher em suas fases de vida: criança, adulta e na velhice (aqui como um terceiro sexo). Nessa última fase, é como se ela não pertença nem ao masculino e tampouco ao feminino. Na velhice vemos a definição de fêmea ligada ao ato da maternidade, por

não ter mais uma fertilidade ela é descartada. Algo que fica evidente é que sempre macho e fêmea são definidos não de forma separada, mas a fêmea é definida em comparação com o ser macho que é completo, viril, forte, dominante, racional etc. Beauvoir demonstra sua insatisfação no modo como alguns pensadores apresentam o conceito de mulher como um ser ocasional, vejamos:

Mas é só o amor que essa história se propõe explicar: a divisão em sexos é tomada, de início, como um dado. Aristóteles não a justifica melhor, pois se a cooperação da matéria e da forma é exigida em toda ação, não é necessário que os princípios ativos e passivos se distribuam em duas categorias de indivíduos heterogêneos. Assim é que São Tomás declara que a mulher é um ser “ocasional”, o que é uma maneira de afirmar — numa perspectiva masculina — o caráter acidental da sexualidade. (BEAUVOIR, 2019 p. 34)

Beauvoir desconsidera qualquer justificativa biológica que construa subjugação da mulher como sexo mais fraco. Segundo ela, os papéis destinados aos sexos não têm fundamento científico, mas sim construção social que acarreta nessa supremacia masculina. Analisando o corpo da mulher ela afirmava: “o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir” (BEUAVOUR, 2019, pg 65)

Além de Simone de Beauvoir, iremos agora buscar uma filósofa que revisita o seu pensamento para trazer novas perspectivas sobre questões de gênero. Judith Butler. Filósofa estadunidense, leitora e crítica filosófica da Beauvoir é reconhecida mundialmente e ganhou diversos prêmios, inclusive o Prêmio Adorno. Esse recebido no ano de 2012, em Frankfurt, pela sua contribuição com o tema feminismo e ética filosófica.

Diferentemente de Beauvoir, Butler analisará a constituição do sujeito, trazendo ao debate uma problemática que está no âmbito do discurso feminista sobre a relação da teoria feminista e a política. Segundo a pensadora: “O ‘sujeito’ do feminismo é em si mesma uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional” (BUTLER, 2018, p. 19). Nota-se que o sistema que deveria garantir a emancipação das mulheres, está, na verdade, produzindo sujeitos que são excluídos. Isso garante o fracasso do projeto de emancipação das mulheres. No livro “*Problema de Gênero*”, a filósofa vincula a construção os sujeitos à política, vejamos na citação abaixo:

“O sujeito” é uma questão crucial para a política, e particularmente para a política feminista, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos

por via de práticas de exclusão que não “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas jurídicas como seu fundamento. (BUTLER, 2018, p. 19)

Judith Butler apresenta que existe um problema político pelo fato de o feminismo criar o termo “mulher” como um ser que possui uma identidade comum. Sendo assim, não é o bastante dizer que as mulheres devem ter uma maior representação política, porém é importante compreender que a categoria “mulheres” está sendo produzida sob um poder jurídico que exclui quem não é reconhecido como sujeito. Como solução, a autora mostra que a “representação” talvez faça sentido para o feminismo apenas quando o sujeito “mulheres” não seja formado em base única. Por isso, a filósofa reforça que ser mulher não é tudo que alguém é. Segundo a autora:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2018, p. 20)

Desta forma, temos que entender a pluralidade que existe dentro do universo do feminismo e não apenas entender que o conectivo lógico “é” (conjunção), que significa algo excludente, colocando alguma afirmação como certa e outra como errada para que tenha validade quando toda proposição for verdadeira. Devemos sim utilizar uma forma de expressão que abarca toda complexidade da constituição do sujeito mulher na sociedade. Quando a política pensa na identidade feminina ela utiliza um mecanismo que não foi planejado pelo movimento feminista, mas sim pelo patriarcado na matriz heterossexual. Butler retoma a celebre frase de Beauvoir e diz:

Quando afirma que “não se nasce mulher, torna-se”, Simone de Beauvoir se apropria dessa doutrina, a dos atos constitutivos, reinterpretando-a a partir da tradição fenomenológica. Nesse sentido, o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. (BUTLER, 2018, p. 3)



O gênero pode ser instituído pelo ato da performance que o sujeito assume diante da sociedade que o constituiu. A matriz heterossexual é que busca firmar como necessário que exista um sexo e gênero estável baseado no princípio da binaridade. O que garante a existência dessa matriz é o limite da linguagem gramatical de sujeito e predicado como ato de ficção. Este jogo fictício do gênero exerce interferência direta nos sujeitos. Sujeitos esses que incorporam o gênero e com isso os atos performativos trazem o gênero para o campo político e essa performance é delimitada pelo discurso político. Butler relata que “O *gênero* não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero.” (2018, p. 56). Desta forma, vemos que a performance de gênero não é baseada em atos ilimitados, pois ela só se dá dentro dos limites culturais. E mais que isso, a performance está diretamente ligada ao contexto cultural.

A autora faz uma crítica referente a identidade do sujeito feminino, e diz ser necessário repensar um novo tipo de política feminista que pense a construção variável da identidade, pois o *modus operandi* da atual política pensa o sujeito social de forma binária, seguindo exigências normativas. Devemos entender que a representatividade segundo os sistemas vigentes depende de um operador político que reconheça e o torne visível, porém esse operador político atualmente é uma ferramenta de coerção. A identidade performática pode surgir de uma proibição ou aprovação e tais estímulos garantem a essência dessa identidade a qual pretende-se fabricar. Nesse sentido autora relata:

Na verdade, o impulso feminista (e não tenho dúvida de que há mais de um) muitas vezes partiu do reconhecimento de que a minha dor, o meu silêncio, a minha raiva ou a minha percepção não são, em última análise, só meus, e me colocam em uma situação cultural compartilhada que me habilita e me autoriza de certas formas inesperadas. O pessoal, assim, é implicitamente político, no sentido de que está condicionado por estruturas sociais compartilhadas; porém, na medida em que as distinções entre público e privado persistem, ele também permanece imunizado contra os desafios de caráter político. (BUTLER, 2018 p. 6 - 7)

E sobre a identidade do sujeito feminista, Butler reforça:

A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento. Talvez, paradoxalmente, a ideia de “representação” só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito “mulheres” não for presumido em parte alguma. (BUTLER, 2018, p. 25)

Portanto devemos compreender que a autora crítica o fato de que quando se fala em “mulheres” existe algo que obriga esse termo a ser entendido como universal, e não deveria. Para Butler, o que deve existir é uma identidade variável e isso deveria ser o objetivo político. Com essa crítica, ela não recusa a representatividade política feminista, apenas demonstra que existe uma limitação no sistema vigente.

Com esse movimento do *peçoal* ser uma categoria ampla, abrangendo estruturas da política que são consideradas públicas, faz com que o domínio político também seja expandido e com isso torna uma situação que possa ser de cunho pessoal e continue sendo. Mesmo que ocorra com outra pessoa, os meus atos performáticos reproduzem o gênero de diversas formas. Butler relata: “Minha sugestão é de que o corpo se torna seu gênero por uma série de atos renovados, revisados e consolidados no tempo” (BUTLER, 2018 p. 7).

A filósofa também analisa que gênero e sexo devem ser entendidos como independentes, pois desta forma o gênero se mostra fluido. Podendo ser concebido: “que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2018 p. 26). Gênero é um modo de ação em que as pessoas estão identificadas com formas de vida, mas o fato delas estarem identificadas (e julgo necessário estarem identificadas) não implica numa restrição que coloque esse sujeito dentro de um espaço delimitado. A fluidez do gênero possibilita que amanhã ele possa modificar sua própria estrutura, com isso o processo de identificação é fluido e sem uma essência, é uma eterna transformação constante.

### **1.3 Cinema e Questões de Gênero**

Desde sua origem, como foi explicitado no item 1.1, o cinema tem sido um espaço majoritariamente masculino, não permitindo o acesso para que mulheres tenham destaque, por exemplo, como diretoras. Analisando de forma resumida e delimitada de que forma a mulher foi retratada em algumas obras, pode-se perceber que ela era (e ainda é em vários filmes) apresentada sendo uma personagem perigo constante; em que a função da personagem masculina é salvar a eterna donzela em perigo. Além disso, ainda apresenta uma erotização exagerada e apelativa que personagens femininas sofrem. Momentos que poderiam passar sem a necessidade

de expor partes íntimas de seu corpo. A tendência do cinema foi e continua sendo em certa medida a de retratar a mulher da seguinte forma: uma mulher frágil, sensível, eternamente precisando ser salva pelo homem e sempre erotizada em cenas de nudez desnecessárias na maioria das vezes.

Um dos primeiros disso exemplos é o filme *King Kong*, dos anos 1933 e 1976. Como podemos perceber na “figura 1” logo abaixo, que apresenta uma cena do filme, vemos a mulher como um ser frágil diante do monstro gigante Kong. Na divulgação do primeiro filme de 1933, é possível ver a personagem da atriz Fay Wray em uma postura indefesa, esperando a ajuda do herói da trama. No segundo filme, o cinema já tinha mais recursos para os efeitos especiais e a escolha da atriz foi baseada no símbolo sexual da época, por isso, a escolha de Jéssica Lange. A cena em recorte que selecionamos mostra a personagem dela com os seios à mostra como indicado na “figura 2”.

*King Kong* não é o único exemplo, no filme *Tarzan: O Filho das Selvas* (1981), era padrão da época ter essas cenas de nudez gratuita para chamar atenção do público masculino. É preciso salientar que nossa crítica é dirigida essencialmente a nudez sem justificativa, pois não agregava em nada a cena dos nativos de uma tribo fazendo um ritual de banho na Jane (Bo Derek); e na sequência ainda completamente nua, ela teve o corpo pintado todo de branco. As posições da personagem em cena tinham amplo cunho erótico e buscavam parecendo buscar atender certo *voyerismo* e fetichismo. Não sendo o bastante, depois ela seria estuprada pelo chefe da tribo (é importante ressaltar que as produções dessa época não tinham classificação indicativa alguma, portanto todos esses filmes passaram nas tardes da televisão brasileira).



Figura 1: Cena do filme "King Kong" (1933), de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack



Figura 2: Cena do filme "King Kong" (1976): Foto Jessica Lange, John Guillermin

De acordo com Ann Klapan, vemos a ideologia do patriarcado tirando proveito do ato de olhar: "os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica" (1995, p. 45).

No seu livro "*A Mulher e o Cinema*", a autora Ann Klapan, apresenta uma denúncia sobre a visão determinista que o cinema tem. Analisando o papel da indústria cinematográfica norte americana, a autora afirma o seguinte: "os mitos patriarcais funcionam para situar a mulher como silenciosa, ausente e marginal"

(KAPLAN, 1995, p. 59). Contudo, não apenas criticando o patriarcado no cinema, a autora reconhece que as produções cinematográficas proporcionam às mulheres o direito de voz, colocando dessa forma o cinema como um meio importante para evidenciar as relações sociais e as representações feitas da mulher.

O setor audiovisual também perpassa pelo campo hegemônico e machista de desvalorização da mulher em seus salários e oportunidades de emprego. Sobre essas dificuldades a professora, cineasta e produtora cultural Lilian Solá Santiago, afirma em entrevista concedida ao site Escotilha: “As dificuldades da mulher no meio audiovisual são os mesmos que em outros meios [...] No Brasil, temos esse agravante, o mercado de trabalho é excludente com o negro, e ainda mais com a mulher negra” (Araújo, escotilha, 2018). Abaixo apresentamos duas tabelas que mostram dados sobre como a mulher é representada nas produções cinematográficas (dados colhidos no ano de 2017 sobre o cinema de Hollywood):

Tabela 1 - SEXISMO NO CINEMA

<b>Roupas provocativas</b>	28,8 % mulheres 7 % homens
<b>Nudez parcial</b>	26,2 % mulheres 9,4 % homens
<b>A soma dos dez salários mais bem pagos de Hollywood</b>	\$ 181 milhões de dólares mulheres \$ 465 milhões de dólares homens
<b>2000 roteiros</b>	Os homens têm 78% a mais de falas que as mulheres
<b>30 filmes da Disney</b>	22 deles tinham mais falas masculinas

Créditos: Poligraph

Como podemos ver acima na tabela 1, as roupas provocativas são um objeto constante no guarda-roupas das personagens femininas. Temos como exemplo: a personagem do filme “*Esquadrão Suicida*”, Arlequina, com um micro short, bem no estilo *pin-up*; podemos notar uma semelhança com a nudez parcial nos filmes já citados aqui: *King Kong*, *Tarzan*, entre outros.

Quando analisamos os percentuais de nudez parcial e roupas provocativas vemos uma proporção quase que três vezes maior para as mulheres do que para os homens.

Quanto a parte do salário temos algo impressionante, colocamos em páreo o ator mais bem pago do ano de 2017, Mark Wahlberg, com US\$ 68 milhões, e a atriz mais bem paga, Emma Stone, com US\$ 26 milhões. Já analisando o ano de 2020, temos a atriz Scarlett Johansson com US\$ 56 milhões e o Dwayne Johnson com US\$ 87,5 milhões. Vale ressaltar que o quinto colocado desse ano, Vin Diesel, faturou US\$ 54 milhões e a atriz na quinta posição, Reese Witherspoon, faturou US\$ 34 milhões. Por isso, o discurso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie sobre o feminismo pautar na questão econômica, ela diz: “Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade econômica, social e política dos sexos.” (ADICHIE, 2015, pg 58).

E Beauvoir reforça a denúncia acerca das más condições no trabalho da mulher:

Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta. Fiação e tecelagem realizam-se em condições higiênicas lamentáveis. “Em Lyon”, escreve Blanqui, “nos ateliês de passamanaria, as mulheres são obrigadas a trabalhar quase suspensas a correias, servindo-se dos pés e das mãos ao mesmo tempo.” (BEAUVOIR, 2019, p. 166)

Saindo da esfera das atrizes e atores, buscaremos analisar roteiro e falas. Nesses é mais que explícito como o cinema é dominado por homens. Nos filmes da Disney, que em sua ampla maioria tem personagens femininas como figura central, vimos (tabela 1) as falas desenvolvidas na trama são em sua maioria masculinas. Motivos para que isso ocorra com frequência é que há ampla maioria de escritores, roteiristas e diretores sendo homens e, assim, tende-se a prevalecer e replicar o modelo patriarcado hegemônico. Modelo que desde do início do cinema vem desempenhando sua função de controle e poder sobre todos os demais. Repensar esse campo de trabalho é algo que deve ser feito com urgência.

Abaixo temos a tabela que apresenta as diferenças de gênero nos empregos da indústria cinematográfica:

Tabela 2 - Desigualdade de Gênero

<b>Diretores</b>	<b>9 % mulheres</b> <b>91 % homens</b>
------------------	---

<b>Produtores</b>	25 % mulheres 75 % homens
<b>Escritores</b>	15 % mulheres 85 % homens
<b>Editores</b>	20 % mulheres 80 % homens
<b>Produção Executiva</b>	17 % mulheres 83 % homens
<b>Cinegrafistas</b>	2 % mulheres 98 % homens

Créditos: New York Film Academy

Ainda sobre como é a composição profissional do cinema norte-americano, temos dados que são alarmantes e apresentam a falta de oportunidade que profissionais mulheres têm nesse nicho tão particular que podemos denominar de “clube exclusivo da Luluzinha”. Esse campo profissional tem mulheres há muito tempo, para se ter noção, em 1896 temos Alice Guy Blaché como primeira cineasta e roteirista de ficção, porém em campos bem específicos de atuação (roteiro, figurino, continuísta). Existe um sexismo institucional que é fruto de um sistema baseado no patriarcado, e sendo assim, afeta Hollywood, os meios de comunicação e mesmo Wall Street. Perguntamos junto com a atriz Jessica Chastain: “Como vamos mudar este lugar se não muda essa forma de pensar?” (Correio Braziliense, 2017).

Com este formato sexista e machista que o cinema possui na sua estrutura, não poderíamos ter um cenário diferente do que vivenciamos atualmente. Quando prestamos atenção às grandes premiações do cinema, elas são fruto e ainda possuem raízes nesse espetáculo de exclusão de gênero, raça, etnia, idade. As grandes premiações como Globo de Ouro, Oscar, Festival de Cannes entre outras, apresentam um formato que não aceita bem reinvenções. Um fato conhecido dessas premiações são as perguntas sempre evasivas feitas as atrizes, perguntas essas relacionadas aos vestidos, às joias, ao cabelo; enquanto aos atores as perguntas são sobre a profundidade de sua personagem; sobre a experiência de atuar em diferentes locações e quase nunca sobre vestimenta e penteado. Ainda sobre as perguntas tendenciosas para as mulheres das premiações, temos uma análise feita pela

pesquisadora Natália Lopes Wanderley para sua dissertação de mestrado, que destaca a seguinte passagem:

Divulgada pelo site The Daily Share, a campanha pediu para que o público compartilhasse nas redes sociais a hashtag #AskHerMore, a fim de estimular os entrevistadores a fazerem perguntas mais inteligentes às atrizes ao longo do tapete vermelho nos principais festivais de cinema do mundo. Este movimento configurou-se ainda a partir de um fato acontecido com Cate Blanchett (atriz vencedora do Oscar de melhor atriz em 2014), durante o Oscar daquele ano, quando um cinegrafista mirou a câmera para o corpo da atriz no intuito de mostrar seu vestido. Blanchett então, aborrecida, perguntou ao vivo: "Você faz a mesma coisa com os homens?" (WANDERLEY, 2016, p. 69-70)

No ano de 2015, a internet gerou um movimento contra o Oscar. Isso porque na premiação faltava atores e atrizes negros entre os concorrentes das categorias principais. O protesto se utilizou da hashtag #OscarsSoWhite (#OscarMuitoBranco). Já no ano de 2016, o cineasta Spike Lee boicotou a premiação por, ainda pelo segundo ano, faltar na lista a presença pessoas negras; o ator Will Smith também fez críticas ao Oscar e boicotou a cerimônia. Depois no ano de 2021, vivemos uma premiação que buscou trazer o momento que a sociedade passava com a luta contra o racismo e contra a injustiça social, com filmes que trabalham esse tema. Tivemos a indicação de “*Os 7 de Chicago*” e “*Judas e o Messias Negro*”, sendo essa a primeira produção formada por negros a ser indicado ao Oscar de Melhor filme.

O filme “*Minari*”, também indicado, traz a temática da imigração de asiáticos para os Estados Unidos. Filme que teve entre seu elenco a vencedora da categoria de melhor atriz coadjuvante, Yoon Yeo-jeong, sul-coreana com mais de 55 anos de carreira. Com esse feito ela torna-se a segunda atriz asiática a ter a estatueta em casa, a primeira foi Miyoshi Umeki pelo filme “*Sayonara*”, em 1958. Temos também a indicação póstuma de Chadwick Boseman pela sua atuação em “*A Voz Suprema do Blues*”, sendo ele o primeiro negro a receber essa indicação póstuma. Viola Davis faz história também se tornando a única atriz negra com quatro indicações ao Oscar ao longo da carreira (vale lembrar que Meryl Streep possui 22 indicações). Por esses feitos acima citados, o Oscar de 2021 ficou conhecido como “Oscar da diversidade”.

A premiação anual do Globo de Ouro em 2018 causou uma confusão entre os membros da Associação de Imprensa Estrangeira em Hollywood (HFPA- sigla em inglês). Associação essa definiu (como todos os anos) os vencedores e as indicações daquele ano e mais uma vez excluindo mulheres na disputa de “melhor direção”. O ano tinha sido excepcional para Greta Gerwig com “*Lady Bird – A Hora de Voar*”, Patty



Jenkins com “*Mulher Maravilha*”, que arrecadou nos cinemas cerca de \$ 822,3 milhões de dólares, Dee Rees por “*Murdbound – Lágrimas Sobre o Mississipi*” e a Kathryn Bigelow por “*Dreitoit em Rebelião*”.

Contudo, as indicações ficaram com os homens Guillermo del Toro “*A Forma da Água*”; Martin McDonagh “*Três Anúncos por um Crime*”; Christopher Nolan “*Dunkirk*”; Ridley Scott “*Todo o Dinheiro do Mundo*” e Steven Spielberg “*The Post – A Guerra Secreta*”. Se olharmos apenas o recorte desse ano em específico, pode-se parecer que os membros da academia da premiação não são sexistas, mas desde 1944 a 2022 apenas dez mulheres foram indicadas ao prêmio de melhor direção. As únicas ganhadoras foram Barbra Streisand, em 1983, por “*Yentl*” e trinta e sete anos depois, Cloé Zhao, em 2020, por “*Nomadland*”. No ano de 2021, a atriz Michaela Jaé (Mj) Roriguez se tornou a primeira atriz trans a ganhar a estatueta. A artista venceu na categoria de Melhor Atriz em Drama para TV por sua personagem Bianca Rodriguez na série “*Pose*”. No ano corrente de 2022, a premiação sofreu um boicote das maiores empresas do ramo cinematográfico como a WanerMedia, NBC, Netflix e a Amazon, esse boicote aconteceu por causa de escândalo de racismo e corrupção na HFPA.

Para constar mais dados sobre participação das mulheres no cinema, analisamos um estudo publicado pela professora Satacy Smith, que leciona na Universidade do Sul da Califórnia. Segundo ela: “A evidência revela que, apesar de receberem maior atenção, não houve mudanças para as mulheres que estão atrás da câmera” (O Tempo, 2018). A mulher encontrar-se por trás das câmeras representa a intenção de imprimir uma nova perspectiva da representatividade de mulheres e homens que fogem dos parâmetros da sociedade patriarcal. Essas cineastas apresentam o que pode ser chamado de “contracinema”, filmes com engajamento e que buscam romper com o olhar machista. Temos como exemplo a diretora Paty Jenkins do filme da “*Mulher Maravilha*” (2017) que é a primeira heroína das Histórias em Quadrinhos (HQs), além de ser também a primeira heroína das HQs a ter um filme solo com mais de cem milhões em arrecadação nas bilheterias do cinema.

A diretora não buscou de forma alguma mostrar os corpos das amazonas do filme de forma sexualizada, pelo contrário, mostrou mulheres fortes, decididas, independentes e inteligentes. Em nenhum momento tivemos o constrangimento que a mesma personagem da Mulher Maravilha sofreu quando foi dirigida pelo diretor Joss Whedon no filme da “*Liga da Justiça*” (2017), em que a personagem do Flash em um

momento cai sob a Mulher Maravilha, e na cena ele fica constrangido por chegar tão perto dos seios de uma mulher. Para essa cena a Gal Gagot solicitou dublê de corpo, pois se recusou gravar esse ato desnecessário, colocando o rosto dela na dublê de forma computadorizada. Vale lembrar que Joss Whedon tem uma mania horrivelmente recorrente de repetir essa cena, ele fez isso no filme “*Vingadores: A era de Ultron*” (2015). Filme em que a Viúva Negra (Scarlett Johansson) repete a cena de ter uma personagem masculina caindo em cima dela e em específico entre os seios, nesse caso o Bruce Banner (Mark Ruffalo), o Hulk.

Outro exemplo de luta e conquista é da Margot Robbie, que se tornou produtora do filme “*Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fantabulosa*” (2020). Ela é a atriz que interpreta a Arlequina e apresentou ao estúdio a proposta de ter um filme com personagens femininas e que tivesse também uma equipe feminina em sua produção. Ela pretende usar a sua produtora e seu poder dentro de Hollywood para proporcionar mais momentos como esse de ter mulheres à frente de filmes. Em uma entrevista ela diz: “Quero usar a posição em que estou na indústria para dar chance a cineastas em primeiro e segundo longa e a história sobre mulheres, dirigida e escritas por mulheres” (Morisawa, 2020). Enfrentando o estúdio que queria um homem como diretor, a atriz não aceitou, colocou dinheiro dentro da produção para que pudesse aguardar a diretora Cathy Yan que tinha um único filme em seu currículo, o *Dead Pigs* (2018).

Algo que deve ficar evidente é o fato que não basta que um filme seja dirigido por uma mulher, também é fundamental que quem está assistindo o filme tenha uma relação com essa nova forma de fazer a sétima arte, deve ser capaz de romper com a imagem estereotipada da mulher. Essa nova construção de personagens femininos complexos, com múltiplos papéis, que esteja distante do modelo patriarcal “oficial”. Com isso o cinema possa observar melhor o que é a interseccionalidade das personagens referentes à raça, classe social, gênero e que a palavra mulher não seja uma identidade única, tratada apenas no singular, mas que possamos ter o plural dessas identidades e assim um sentido amplo a ser explorado delas ou nelas.

Compreendendo agora o que é conceito-imagem, como que podemos entender as questões de gênero e como o cinema pode ser machista Além de apresentar como temos personagens retratadas no Cinema. Vamos agora no próximo capítulo entender como o Ensino de Filosofia se relaciona com o Cinema e com as Questões de Gênero.

## CAPÍTULO 2 – ENSINO DE FILOSOFIA, CINEMA E QUESTÃO DE GÊNERO

### 2.1 Ensino de Filosofia e Cinema

A Filosofia sendo trabalhada no Ensino Médio torna possível que os estudantes desenvolvam seu potencial como ser social e sua autonomia intelectual, bem como oferta grande contribuição na sua formação ética, política e estética.

Um dos aspectos fundamentais dessa questão se apresenta da seguinte forma: a educação eficaz deve ser desenvolvida a partir de elementos do cotidiano dos educandos, de modo que eles aprendam a compreender, descrever e explicar os fenômenos que os cercam com base em um corpo de conhecimento sólido e bem fundamentado. Os alunos devem desenvolver a capacidade de raciocinar reflexiva e criticamente sobre os textos e sobre si mesmos enquanto constituintes de uma sociedade, conforme estabelecem as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM), a saber:

Tomando-se como ponto de partida as mesmas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Filosofia que norteiam a formação dos professores para o ensino de Filosofia no nível médio, tem-se a seguinte caracterização do licenciado em Filosofia: “O licenciado deverá estar habilitado para enfrentar com sucesso os desafios e as dificuldades inerentes à tarefa de despertar os jovens para a reflexão filosófica, bem como transmitir aos alunos do ensino médio o legado da tradição e o gosto pelo pensamento inovador, crítico e independente”. (BRASIL, 2006, p. 39)

Diante disso, cabe à(ao) professora(or) trabalhar esse conhecimento e orientar cada estudante no desenvolvimento de sua capacidade crítica. Levando em consideração que é a partir da realidade dos estudantes que conseguimos efetivamente instaurar uma relação de construção de conhecimento com os educandos.

Com o Cinema temos a possibilidade da construção de um senso crítico e reflexivo por meio de filmes que são capazes de provocar um diálogo e associar a temas filosóficos à imagem em ação. O filme como recurso didático não é algo experimental, já utilizamos ele há muito tempo, porém devemos usar o bom senso para utilizar esse recurso em sala de aula de Filosofia. As atividades devem ser previamente pensadas, durante e depois das projeções dos filmes, que também é uma parte fundamental. O uso da reflexão deve provocar um diálogo que seja estabelecido

com a sala e assim possa gerar uma produção intelectual no estudante do Ensino Médio.

A utilização de filmes em sala aula é apenas mais um dos recursos diversos que existem à disponibilidade da(o) professora(or). As Orientações Curriculares para o Ensino Médio já recomendam, e apresentam as ferramentas e possibilidades didáticas que a(o) professora(or) pode adotar na sala de aula, além do uso do livro didático:

A grande maioria dos professores adota os livros didáticos (manuais) ou compõe apostilas com formato semelhante ao do livro didático; mesmo assim, valem-se da aula expositiva em virtude da falta de recursos mais ricos e de textos adequados. Muitas vezes, o trabalho limita-se à interpretação e à contextualização de fragmentos de alguns filósofos ou ao debate sobre temas atuais, confrontando-os com pequenos textos filosóficos. Há, ainda, o uso de seminários realizados pelos alunos, pesquisas bibliográficas e, mais ocasionalmente, o uso de música, poesia, literatura e filmes em vídeo para sensibilização quanto ao tema a ser desenvolvido. (BRASIL, 2006, p. 36)

Cada professora(or) possui uma metodologia para apresentar filmes em suas aulas de Filosofia. E àqueles que não têm ainda toda experiência recomenda-se seguir uma ordem. Antes de qualquer experimentação na utilização do cinema como recurso didático numa sala aula devemos ter em mente quais são os títulos que podemos trabalhar em sala de aula. Feita essa seleção devemos e podemos conversar com a turma para que seja adicionado algum filme de seu agrado. O filme pode proporcionar uma experiência filosófica, pois sofremos transformação de tudo aquilo que nos atravessa e com isso deixa partículas problematizadoras dentro do sujeito que assiste ao filme. Quando a(o) professora(or) está buscando uma seleção de filmes para serem exibidos na escola, temos o recurso do gosto estético dela(e) prevalecendo, porém não podemos nos esquecer que as(os) estudantes também devem ser ativos nessa consulta, até pelo fato de tornar a experiência mais interessante e atraente.

Também deve-se buscar romper com a noção de que é mais uma aula comum, qualquer estudante que estiver imerso nesse momento do cinema na escola deve sentir-se próximo da experiência de um cinema, isso pode ser produzido com a atmosfera de uma sala escura, pipoca, tudo isso remete ao cinema e é através dos sentidos que começamos a ação. Este ambiente e a experiência cinematográfica podem ser utilizadas como um fio condutor na formação das(os) estudantes, pois com ele conseguimos atingir o campo estético, os valores sociais, as ideologias, além do momento de lazer.

Nas primeiras exibições dos filmes na sala de aula, devemos guiar o debate pós filme em sala de aula. Devemos buscar apresentar para a classe se a cada afirmação que fazem é um conteúdo que contém filosofia ou se é um comentário sem filosofia. Com mais sessões de filme não precisaremos guiar, o grupo vai fazer sem precisar deste questionamento e vão começar a notar onde tem ou não filosofia em suas afirmações. Sendo assim, o pensamento sobre conceitos filosóficos podem ser introduzidos e ter uma problematização pelas imagens fílmicas, dessa forma ter uma vivência logopática do cinema. Cabrera reitera que a experiência com o cinema não se opõe ao pensamento racional, antes, o redefine:

O cinema ofereceria uma linguagem que, entre outras coisas, evitaria a realização destes experimentos cronenbergianos com a escrita, deixando de insistir em 'bater a cabeça contra as paredes da linguagem', como diria Wittgenstein. Assim, o cinema não seria uma espécie de claudicação diante de algo que não tem nenhuma articulação racional e ao qual, por conseguinte, seria dado um veículo 'puramente emocional' (equivalente a um grito), mas sim outro tipo de articulação racional, que inclui um componente emocional. O emocional não desaloja o racional: redefine-o (CABRERA, 2007, p.18)

Compreendemos que trabalhar com o conceito-imagem tem tanta potência transformadora quanto a maiêutica socrática, pois ele pode extrair e gerar conceitos que não são reconhecidos dentro dos interlocutores, fazendo assim o movimento de parto de ideias, ou ainda a capacidade de criar conceitos. Quando exibimos o filme na sala estamos ocupando a cadeira do diretor ou roteirista do filme, nesse momento cabe a(o) professora(or) escolher a cena que “serve” e a que “não serve”, para causar o impacto necessário em sua turma.

O espectador garante esse poder ao elemento *logopático*, sobre esse poder singular da imagem no cinema, Cabrera diz: A imagem cinematográfica não pode mostrar sem problematizar, desestruturar, recolher, torcer, distorcer (...).” (CABRERA, 2006, pg 33). Devemos deixar de lado nossos juízos de valores que classificam um filme como “bom” ou “ruim”. Devemos também ter liberdade para escolher filmes comerciais, eles são os filmes que nossas(os) estudantes têm mais contato, jamais podemos excluir eles de uma lista, assim vemos como eles interagem com o filme escolhido pela(o) professora(or) e como interagem com o filme escolhido pela turma. A esse respeito, Cabrera defende:

Depois desta reflexão sobre logopatia, é conveniente observar que a razão filosófica tradicional (a racionalidade das ideias) não é tão “fria” como pretende ser, não está totalmente despojada de emoções, nem entregue ao puramente objetivo. Em um livro de filosofia também se desenvolve um

drama, com seus personagens, suas situações tensas e seus desenlaces. O cinema explicita de forma mais clara a dramatização habitual das ideias. Na realidade, não é que o cinema apareça para nos proporcionar um acesso mais equilibrado e mais completo ao mundo, mas para mostrar como a filosofia escrita tradicional nunca constituiu realmente este acesso equilibrado e completo. A filosofia contemporânea concorda com o cinema quanto a que a verdade e a universalidade existem, mas são mais frágeis, parciais e provisórias do que pareciam a nossos antepassados absolutistas e fundamentalistas. (CABRERA, 2006, p. 32-33)

Qualquer estudante pode entrar no movimento do filosofar, sabendo que do mesmo modo que lê-se um texto, seja ele filosófico ou não filosófico, esse movimento também pode ocorrer com filmes, já que possuem imagens e com isso podemos ter acessos a elas interpretando-as. E com essa metodologia contribuimos com o processo de ensino e de aprendizagem da filosofia, fornecendo condições do ensino e aprendizagem de filosofia, condições necessárias e propícias para que as(os) estudantes do Ensino Médio possam refletir sobre sua realidade existencial. Devemos despertar a potencialidade que existe em cada estudante, com essa potencialidade ativada serão capazes de construir e atribuir sentido ao seu mundo político, social, existencial e cultural.

Podemos confirmar o potencial filosófico da utilização dos filmes quando conhecemos a pesquisa realizada pela Mestre em Filosofia Maria de Fátima Raposo de Matos Souza. Ela relata em um artigo sua vivência com a utilização de filmes em uma sala de aula de Filosofia, tendo como aporte teórico o Cabrera. A experiência relatada pela professora Maria de Fátima ao longo de treze anos, foi realizada numa escola pública do município de Sergipe, o artigo apresenta como foi o desenvolvimento de toda intervenção, no Ensino Médio, com a utilização do cinema. Abaixo, podemos ter acesso aos relatos que a professora separou para demonstrar as inquietações da classe de aula, logo após, assistirem o filme da “*Mulher Maravilha*”. Vejamos o que dizem:

Aluno 1: A Mulher Maravilha é a versão feminina do Super Homem. Mas por que a condição de homem do super-herói masculino não é tão falada como a condição de mulher da Mulher Maravilha?

Aluno 2: Ah, mas é lógico. A mulher tem menos força física. É muito mais difícil fazer o que o Super Homem faz.

Aluna 1: Eu acho que quem inventa essas histórias deve ser tudo homem. A Mulher Maravilha só consegue dar grandes saltos, mas o Super Homem voa... mas se a gente for pensar direitinho, o Super Homem, com mais super

poderes, é mais fácil lutar contra o mal. A Mulher Maravilha precisa dar um impulso pra saltar de um lugar para outro. Então ela é mais forte que o Super Homem, que voa de boa, com aquela capinha vermelha [risos]

Aluno 3: E naquela hora que a Mulher Maravilha vai salvar o mundo e volta pra se distrair com um bebê que estava no colo de uma mulher, sentada na escadaria do fórum? Tá vendo aí, a mulher vai salvar mundo e se atrasa por causa do bebê... [em tom irônico]

Aluno 1: Ela é super-heroína, mas é mulher. Tem instinto materno. Mulher não precisa ser igual a homem para ser super-heroína. Se você [referindo-se ao aluno 3] parar pra pensar, minha mãe trabalha fora, quando chega em casa, às 18h, vai dar conta da gente, de mim e dos meus dois irmãos menores. Meu pai não tá nem aí... quando chega do trabalho, ele se senta no sofá e vai ver o jogo ou outra coisa na TV. Por isso, ajudo muito minha mãe. Antes dela chegar em casa, vejo a tarefa dos meus irmãos e boto eles pra tomar banho. E quando eu tiver uma família, não quero ser como o meu pai. [aplausos da turma, risos e burburinhos]

Aluna 2: Não sabia exatamente o porquê, mas nunca gostei de chamar a mulher de sexo frágil. No filme, a Mulher Maravilha salva um monte de gente, dá porrada, luta sem arma de fogo, aí chega o boy, que ela tirou do mar quando ele caiu do avião e diz: 'vou proteger você' [fazendo uma voz grave, masculina]. Coisa mais sem jeito... E ainda mais ela que tem o laço da verdade. Quem tem o laço da verdade? A Mulher Maravilha, ora! [riso]

Aluno 4: Já pensou casar com uma mulher com um troço desses? [risos]

Aluna 1: Minha gente, olha só: tudo começou porque mulheres foram assassinadas pelos homens. Na mitologia grega, já se falava em feminicídio. Com isso, elas tiveram que se defender deles. É só uma mulher mostrar força que muitos homens não suportam. Como conviver com isto? A gente convive porque não tem jeito, né? Mas a luta continua. Meu pai deixou a minha mãe porque ela voltou a trabalhar. No momento, sofremos com isso. Mas hoje compreendo mainha. Meu padrasto a apoia em tudo. Às vezes é necessário sim dar um chute na bunda de certos homens. Eu ainda amo o meu pai, mas ele é machista demais. Eu acho que nós, mulheres, temos que conhecer muito bem o modo de pensar dos nossos namorados para não sofrer no futuro.

Aluna 3: Aqui na escola mesmo, quantas meninas se casam e abandonam o colégio. Eu mesma já tentei convencer uma amiga a não fazer isto. Mas ela disse que não dava tempo de estudar e cuidar da casa e do marido. Até a própria mãe dele apoiou o marido. Fiquei revoltada com isso. Ela tirava boas

notas. Pensava em fazer Direito. E, agora, grávida, é que ela não volta mesmo pra escola. Em pleno século XXI, as mulheres sendo alvo dessa forma de se pensar errada de muitos homens. Pra se libertar, só fazendo como as Amazonas mesmo.

Aluno 2: Mas será que excluir os homens é a melhor opção? Se as Amazonas davam os bebês homens e eles só viviam entre homens, como vão resolver problema? Talvez fosse melhor acompanhar o crescimento dos homens, educá-los para não agirem dessa forma. Veja a mãe da sua amiga. Apoiando a decisão do marido, impedindo a filha de estudar. O machismo não é só culpa dos homens.

Aluna 3 [irritada, olhando para o Aluno 2]: Agora lascou tudo mesmo: a culpa é nossa? (...) [neste momento, intervimos expondo algumas questões sobre o machismo estrutural<sup>2</sup>] (SOUZA; NASCIMENTO, 2020, p. 93-94)

O debate relatado acima é muito semelhante aos que presenciei durante as exposições de filmes nas escolas onde atuei como bolsista e estagiário. As (Os) estudantes adentram no universo cinematográfico e conseguem transpor para sua realidade os problemas apresentados nos filmes. E nesse momento do debate o olhar atento da(o) professora(or) de Filosofia deve:

Tomando por base as produções escritas e orais dos alunos e alunas, evidencia-se a não supressão da experiência particular, em função de abstrações conceituais – seja por meio do impacto emocional causado no espectador ou na identificação com o protagonista de um filme; a universalidade irrompe das variedades de situações existentes nas narrativas fílmicas. Nada impede que uma aluna, ao falar das situações e conflitos vividos pela personagem Mulher Maravilha, relacione-os com as situações vividas em sua própria família. No entanto, é preciso que se tenha cautela para que as experiências com o cinema não descambem na pura eclosão emocional, sugerido por propostas pedagógicas onde o lúdico apresenta-se como único alvo. (SOUZA; NASCIMENTO, 2020, p. 95)

---

<sup>2</sup> O machismo estrutural, invisível e impalpável, define crenças a respeito de quem tem o poder e quem deve submeter-se. Ratifica a existência de desigualdade de poder na relação social estabelecida entre homens e mulheres e faz com que toda a sociedade viva condicionada às regras sociais tácitas, que definem uma cultura machista. A sociedade contemporânea tem fomentado o respeito à diversidade, favorecendo políticas públicas que atenuem as desigualdades entre homens e mulheres; contudo, a falta de investimento de recursos públicos impede a agilidade na erradicação da violência e a conseqüente liberdade da mulher, asseguradas na Convenção de Belém do Pará e convencionadas como condição indispensável do desenvolvimento individual e social em todas as esferas. A própria negligência do Estado para demandar recursos é um culto à perpetuação do machismo, o que demonstra falta de respeito com a mulher e com a sociedade, que colhe os frutos da cultura machista, ainda reconhecida como cultura de superioridade, exercida pelo homem através do modo de pensar e de agir, para subjugar o sexo feminino (EIBEL, 2020, p. 7).



Compreendemos que a educação filosófica está alicerçada pelo princípio do esclarecimento que o sujeito deve ter sobre seu mundo, o que podemos chamar de autoesclarecimento. Evidente que essa palavra nos remete a Kant e seu conceito de esclarecimento (*Aufklärung*). Com o auxílio do Cinema combinado a Filosofia, a(o) professora(or) tem em suas mãos uma combinação que pode retirar a(o) estudante da menoridade já que muitas vezes o ensino pautado em repetições de fórmulas, sem que exista uma problemática, faz com que a(o) estudante esteja em um estado de inércia do pensamento reflexivo. Os filmes além de provocar, permitem que a(o) estudante consiga sentir e se posicionar no lugar do outro (a personagem do filme).

Os conflitos que são mostrados nos filmes geram dúvidas, certezas, debates, tudo isso pode e deve ser aproveitado em sala de aula. O próprio Cinema tem suas histórias sobre professores e suas aulas, por exemplo filmes como: “*Sociedade dos Poetas Mortos*” (1989), “*O Sorriso de Mona Lisa*” (2002), “*Entre os Muros da Escola*” (2008), esses três filmes já possuem uma carga dramática que geram perguntas e muitas inquietações que são lançadas para as personagens dos filmes.

Cada um dos filmes apresenta professoras(es) com uma metodologia distinta e o poder transformador de uma aula. E com eles podemos problematizar com nossa sala de aula, e de que maneira é o ensino deles também. Todos os filmes vão convergir para que as(os) estudantes da trama cinematográfica cheguem a um esclarecimento sobre o seu potencial, como ser transformador da sociedade. Nesse momento, o filme rompe a quarta parede, isto é, conversa diretamente com o telespectador transferindo-lhe o mesmo desejo dessas(es) estudantes, pois essa é magia da sétima arte.

Os desafios nas aulas de filosofia com a utilização do cinema são muitos, entre eles: a escolha do filme, gerar um ambiente propício, observar o controle do tempo de exibição, para que não ocorra problemas eventuais que interrompam o filme, implicando em ficar pela metade. Portanto, um problema que deve ser superado é o filme não terminar em uma única aula, pois é um erro julgar que uma semana após seu início, conseguiremos causar a concentração da turma que estava imersa no universo do filme. Nesse momento os pensamentos do(a)s estudantes estarão dispersos na próxima aula, numa prova ou no que fizeram no fim de semana. Por isso é importante que a experiência cinematográfica na sala de aula seja realizada de uma única vez.

Se considerar o filme longo devemos selecionar momentos para serem assistidos, jamais devemos pausar para explicar uma cena. Podemos sim pausar e chamar atenção da turma para uma cena em destaque, como esse recurso é utilizado no quadro ou na leitura de um texto. Quando recomendamos não pausar e explicar uma cena é pelo motivo do conceito-imagem poder oportunizar que a(o) aluna(o) seja capaz de perceber e associar ao conceito filosófico já trabalhado em sala de aula.

Por isso, recomendamos que o filme não seja exibido antes de uma aula sobre o tema, que queremos abordar. Se assim o fizer, não terá como ser percebido pela turma, a problemática da aula e sua conexão ao filme. Por esse motivo a(o) professora(or) deve amadurecer o pensamento da turma previamente, aplicando o conteúdo e assim em sequência exibir o filme, provocando o interesse da turma para assisti-lo com atitude filosófica. Sobre este momento Cabrera nos diz o seguinte:

É claro que o pressuposto básico para que o cinema tenha as características mencionadas na formulação do conceito-imagem é que nos disponhamos a ler o filme filosoficamente, isto é, a tratá-lo como um objeto conceitual, como um objeto visual e em movimento. Ou seja, devemos impor a pretensão de verdade e universalidade em nossa leitura do filme, quer o diretor tenha proposto isso ou não (CABRERA, 2006, p. 45).

Um dos produtos da aula, de Filosofia no Ensino Médio, deve ser provocar ou melhor proporcionar que as(os) estudantes sigam no caminho do pensar filosoficamente. Eles/elas devem estar capacitados a buscar a verdade de tudo que existe, tomando como base seus próprios princípios. E esse movimento do pensar filosoficamente só pode ocorrer com uma disciplina que se propõe a esse feito.

Lidar com a diversidade de uma sala de aula, não é uma tarefa fácil, cabe a(o) professora(or) nesse momento buscar convidar todos e todas, tanto os que já estão no caminho do pensar filosoficamente, quanto aqueles que não tem o mínimo interesse. Isso nos convoca a repensar nossos procedimentos referentes ao ensino de filosofia.

## **2.2 Ensino de Filosofia e Questões de Gênero**

Quando analisamos a História da Filosofia percebemos como ela foi sexista, silenciadora e como colocou as mulheres de lado quando vamos falar em pensadoras. Quando os pensadores canônicos da Filosofia se posicionam pensando sobre a

constituição do ser mulher, vemos que buscam apresentar um ser doce e meigo, caseiro e maternal, esposada e respeitosa. Esses são os dotes que cabem as mulheres por excelência, ao homem cabem todo o resto e muito mais. Com ele está o dom supremo do uso da faculdade da razão, a força de liderança, a vontade de aprender tudo, sobre o mundo que o cerca. É à mulher o lar como único dever e missão terrena. Reforçando a crítica que Beauvoir faz aos pensadores que definem a mulher a partir do homem, ela apresenta em seu livro “*O Segundo Sexo*”, tais definições dadas por alguns pensadores:

A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que a especifica: um obstáculo, uma prisão. “A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades”, diz Aristóteles. “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural.” E são Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um “homem incompleto”, um ser “ocasional”. É o que simboliza a história do *Gênese*, em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela é o absolutamente (BEAUVOIR, 2019 p. 12)

Entre cânones da Filosofia temos um pensamento que coloca a mulher sob a tutela do homem por meio “de uma lei universal natural”. Segundo o pensador Aristóteles, existe uma submissão natural que legitima a mulher como um ser fraco, em que o homem seria um ser mais forte e superior. Este relato está em seu livro “*A Política*”, vejamos como ele diz:

Governar e ser governado são coisas não só necessárias, mas convenientes, e é por nascimento que se estabelece a diferença entre destinados a mandar e os destinados a obedecer [...]. A relação entre o homem e a mulher consiste no facto que, por natureza, um é superior e a outra inferior, um governante, outra, governada. O mesmo tem que, necessariamente, ocorrer para toda a humanidade. (ARISTÓTELES, 1254 a 20-23; 1254 b 13-15, p. 61-63)

Sobre à família: autoridade marital e autoridade paternal ele reforça:

O pai e marido governa a mulher e os filhos, ambos como pessoas livres, mas não a mesma forma de autoridade: governa a mulher como cidadão, os filhos

como súditos. O homem está mais apto para mandar, por natureza, do que a sua mulher. (Aristóteles, 40 1259b, p. 91)

Sobre as virtudes dos membros do lar, o pensador apresenta a mulher submissa e completamente não desenvolvida igual a uma criança. De modo que carece de um homem que comande sua vida e o pensamento aristotélico reforça isso no seguinte trecho:

Apesar de tudo, estamos em crer que se aplica bem em todas as situações o verso do poeta sobre a mulher: "o silêncio dá encanto à mulher", mas não ao homem. Como a criança não se encontra completamente desenvolvida, também se torna claro que a sua virtude não se reporta a si própria, mas ao fim da criança e quem manda nela. (Aristóteles, 30 1260a, p. 97)

Além do exposto, acrescenta-se que não se tratam as literaturas filosóficas femininas como tratamos as dos homens ao longo de todo período da História da Filosofia. Sendo assim, também temos a ausência de pensadoras no Ensino de Filosofia. Quando temos citações de mulheres na Filosofia são de mulheres que não são destaques por seus pensamentos: a exemplo de Pandora e sua caixa ou Helena e sua beleza arrebatadora. O *sapere aude* de Kant não foi pensado para ser algo realizado por uma mulher, cabe apenas aos homens pensar por si só, ousar e saber.

Atualmente, verifica-se uma forte aversão e resistência ao feminismo e ainda mais ao termo feminista. Mas devemos entender, que a luta e batalha que as mulheres travaram ao longo da história, fez com que hoje possamos ter vozes ecoando na sociedade. Não é algo dado de graça. Teve um custo alto e ainda tem um custo elevado hoje em dia. Vemos que ainda questionam as pensadoras da atualidade, como por exemplo a Adichie que tem reforçado a importância da palavra feminista:

Algumas pessoas me perguntam: "Por que usar a palavra 'feminista'? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido?" Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral — mas escolher uma expressão vaga como "direitos humanos" é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (ADICHIE, 2014, p. 14)

Precisamos mostrar a riqueza que é a história das lutas dessas mulheres, as Sufragistas, da escritora Virginia Woolf, das filósofas Simone de Beauvoir, Hannah

Arendt, Teresa de Ávila, Edith Stein, entre outras. Vozes que reclamam direitos iguais de verdade, perguntando quais foram as possibilidades oferecidas e recusadas.

Assim, dando continuidade aos diversos problemas que encontramos no ensino de filosofia e gênero, iremos apresentar abaixo como os livros didáticos que são utilizados no ensino médio público, trabalham as questões de gênero relacionando com o cinema. Apresentaremos essa análise sobre as recomendações de filmes, que são encontradas dentro dos livros. Destacamos apenas os filmes que trabalhem as questões de gênero ou aqueles que tenham personagens femininas entre as principais da trama.

### **2.3 Análise dos Livros Didáticos do Ensino Médio e como trabalham a utilização do Cinema e as Questões de Gênero**

No contexto da educação básica brasileira, os livros didáticos de Filosofia do PNLD 2018, apresentam uma concepção predominante de filmes, com personagens como protagonistas homens cisgênero, poucos com mulheres cisgênero e quase raro com trans ou com homossexuais. Iremos perceber que alguns livros didáticos, indicam poucos filmes, quanto a isso acreditamos que seja pelos direitos autorais, que tendem a tornar a publicação mais dispendiosa.

Os livros didáticos analisados na pesquisa foram, Filosofia experiência do pensamento, Filosofia: temas e percursos, Diálogo: primeiros estudos em filosofia, Fundamentos de filosofia, Iniciação à filosofia, Filosofia e Filosofias existência e sentidos, Reflexões: filosofia e cotidiano e filosofando introdução à filosofia.

No livro Filosofia experiência do pensamento, autoria de Sílvio Gallo temos 81 filmes indicados, quase todos os estilos do cinema são contemplados, vamos do clássico *Sócrates* (1974) dirigido pelo Roberto Rossellini ao *X-men* (2000) dirigido pelo Bryan Singer. O que vale destacar é um curta-metragem de 13 minutos, *Vestido de Laerte* (2012) dirigido por Claudia Priscila e Pedro Marques, a narrativa do curta apresenta o episódio em que a cartunista Laerte (interpretada por ela mesma), foi proibida de usar o banheiro feminino de um restaurante. Essa indicação de filme encontra-se na Unidade 3 – Corporeidade, Gênero e Sexualidade: Formas de Ser. Essa unidade busca apresentar a temática sobre Questões de Gênero, porém tem breve menção dedicada a filósofa Simone de Beauvoir, com tema sobre a condição

humana e condição feminina, e colocou uma questão sobre Beauvoir ao final do capítulo nos exercícios propostos.

Há alguns filmes que abordam a temática, sobre mulheres ou têm mulheres com personagens principais são: *Ágora* (2009), vemos a filósofa e matemática Hypatia de Alexandria, como plano de fundo temos a ocupação romana no Egito e a ascensão do cristianismo. *Ensaio sobre a Cegueira* (2008), uma cidade é atingida por uma epidemia conhecida como “cegueira branca”, apenas a mulher do médico (Julianne Moore) enxerga entre todos da cidade, nenhum personagem tem nome, são identificados por funções como por exemplo o médico (Mark Ruffalo) e o ladrão (Don MacKellar). *O Fabuloso destino de Amélie Polain* (2001), filme relata que devemos aproveitar os pequenos prazeres da vida, Amélie (Audrey Tautou) trabalha em um café em Paris, encontra uma caixinha dentro de seu apartamento e decide ir em busca do dono dessa caixa e assim ela muda sua perspectiva de vida. Portanto, temos quatro filmes com representatividade feminina e setenta e sete filmes sobre homens ou com eles como personagem principal.

Neste livro, vemos 81 indicações de filmes no geral e apenas 4 filmes com a temática de Questões Gênero ou protagonistas femininas. É de grande importância, trabalhar o curta-metragem, como recomendamos que o filme deve ser trabalhado em apenas um dia, a opção de usar o curta-metragem é perfeita. E com a temática sobre questões de gênero, é possível ver que esse foi o único livro que indicou uma produção relacionada ao transgênero, é importante ressaltar que além da protagonista, o filme tem uma mulher na direção. O filme *Ágora* apresenta que as filósofas estão presentes na História Antiga da Filosofia, porém ocorre seu apagamento, quando vamos estudar sobre esse período.

Vamos analisar agora o livro *Filosofia: temas e percursos*, autoria de Luiz Repa, João Vergílio Cuter, Roberto Bolzani Filho, Marco Valentim, Paulo Vieira Neto e Vinicius de Figueiredo (org.), ao longo do livro temos a indicação de oito filmes, destaque especial fazemos para *Atração Fatal* (1987), filme que reforça a mulher como amante a Alex Forrest (Glenn Close), com comportamento descontrolado e obsessiva pelo galã rico e bem sucedido Dan Gallagher (Michael Douglas), que é casado no filme com Beth Gallagher (Anne Archer), no entanto a classificação indicativa do filme é não recomendado para menores de 18 anos. Essa indicação está na Unidade 4 – Dúvida e Certeza, além desse filme, o capítulo busca abordar a traição

de Capitu da obra Dom Casmurro de Machado de Assis. Sendo assim temos algumas páginas dedicadas sobre traição de mulheres, seja na literatura ou cinema.

Na Unidade 5 – Realidade e Aparência, temos como indicação o filme *Ligações Perigosas*, estrelado pela Glenn Close interpretando a Marquesa de Merteuil, que precisa de um favor de seu ex-amante o Visconde de Valmont (John Malkovich), para seduzir uma jovem virgem que irá casar com o seu ex-marido, sendo que a personagem Visconde de Valmont, quer mesmo seduzir Madame Marie de Tourvel (Michelle Pfeiffer) que é casada, mais uma vez retrata a traição, e mais um filme que não possui indicação para menores.

Consideramos de certa estranheza, um livro do Ensino Médio, fazer a indicação de dois filmes, com uma classificação não recomendada para a faixa etária que nossos estudantes têm, talvez encontremos maiores de idade no terceiro ano do Médio, mas em sua maioria são jovens entre 14 e 17 anos. Além disso, ambos os filmes apresentam suas personagens femininas marginalizadas, com exploração da sensualidade feminina. Os títulos das produções, já apresentam o teor de seu conteúdo erótico, que envolve traição feminina em ambos. Não conseguimos entender o motivo, de indicação, nem sabemos como utilizar esses dois filmes em uma aula de filosofia.

Dando continuidade temos o livro Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia, autoria de Ricardo Melani com um total de treze filmes recomendados ao público. Destacamos, *O quarto de Jack* (2016), que relata a vida de Joy (Brie Larson) e seu filho Jack (Jacob Tremblay) que vivem isolados do mundo, em um quarto. Vivem num caseiro, e recebem a visita do velho Nick (Sean Bridgers). Joy busca tornar o local, um ambiente agradável para seu filho. Quando seu filho completa 5 anos, ela decide criar um plano para fugir.

Outros filmes são *Ágora* (2009), relatado acima e o *Jogo da Imitação* (2014) tendo como plano de fundo, a Segunda Guerra Mundial, ambientado em 1939 relata a vida do matemático Alan Turing, um cientista britânico que não teve uma vida fácil. Sendo incumbido de quebrar o código da máquina nazista, chamada de Enigma. Retratado no filme, vemos o desafio de enfrentar a ignorância da sociedade, por ter gagueira e ser homossexual. Que o fazia ter problemas em se relacionar com outras pessoas. Turing mesmo depois, de ter sido fonte fundamental para o fim da guerra, foi acusado, condenado por manter relações com pessoas do mesmo sexo, sendo punido com a castração química. Vale salientar que apenas em 2013, depois de várias

petições públicas teve a condenação revogada e foi concedido sob a Real Prerrogativa do Perdão.

Este livro, consegue explorar em três filmes a temática de gênero, sem apelar ao erotismo e nem ultrapassando os limites de classificação etária da turma do ensino médio. *Ágora*, já foi apresentado acima, mas reforçamos aqui a satisfação de rever um filme importante para apresentar, uma personagem tão fundamental para história. No filme *O Quarto de Jack*, vemos uma mulher determinada, corajosa e que jamais perdeu a esperança de conseguir sair do cativo, com seu filho. Em o *Jogo da Imitação*, temos contato com a problemática de como foi tratado, a personagem mais importante da segunda guerra. Vale ressaltar, que esse filme precisa ser transmitido na íntegra para a turma, pois o conceito imagem está nele por inteiro. Temos aqui História, Ciências, Filosofia e como o homossexual era marginalizado no século passado, sobre esse aspecto, vale apresentar o filme, ele tem tudo para impactar a turma, pois é completo.

Temos também, o livro Fundamentos de Filosofia, autoria de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes contendo setenta e nove indicações de filmes, ao longo de suas páginas, podemos ver uma indicação de um filme nacional, que foi indicado ao Oscar, não apenas o filme, mas também uma indicação de Melhor Atriz para Fernanda Montenegro, o filme é *Central do Brasil* (1998), protagonizado por uma mulher, apresentando uma amizade entre uma mulher e um menino que busca encontrar seu pai. Outro destaque do Cinema Nacional é *Que horas ela volta?* (2015), apresentando a vida de Val (Regina Casé) empregada numa casa de classe média alta, temos o desenrolar de vários conflitos entre ela e seus patrões, um filme que critica as desigualdades da sociedade brasileira. Temos *Julia* (1977), Lillian Hellman (Jane Fonda) que é escritora norte americana, e tenta reencontrar sua amiga de infância Julia (Vanessa Redgrave), que faz parte do movimento de resistência contra os nazistas. Temos *O Fabuloso destino de Amélie Poulain*, *Ágora* ambos relatados anteriormente.

O segundo livro com mais indicações de filmes ao longo de páginas e vale perceber que apenas cinco filmes com protagonismo feminino. Isso mostra porque é importante que as questões de gênero sejam debatidas e apresentadas em sala de aula. Temos novamente *Ágora* e *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, esses já foram apresentados em outros livros didáticos de filosofia, suas presenças aqui novamente reforça sua importância. *Julia* um clássico da década de 70, que apresenta



duas mulheres fortes que marcaram a história, dentro e fora das telas. As personagens enfrentam o nazismo, e mostra como os laços de amizade são fortes, as duas são amigas desde a adolescência. Não é um filme que apresenta duas mulheres disputando um homem, pelo contrário, elas têm um ideal e enfrentam o mundo para salvar vidas. Fora das telonas temos Jane Fonda, que com seu ativismo político, chama atenção dos jornalistas para suas causas, seja na Guerra do Vietnã ou em 2019 sendo presa por protestar contra o aquecimento global. É importante também, trabalhar com o cinema nacional, esse livro destaca duas obras primas do cinema.

Primeiro, temos *Central do Brasil*, com protagonismo de Fernanda Montenegro que interpreta Dora, uma mulher que engana pessoas na rodoviária, onde cobra para escrever cartas, mas estas não são enviadas. Porém, tudo muda quando ela conhece um menino, que busca conhecer o pai, assim cruzam o Brasil para realizar o sonho do menino, delicado, sensível e com cenas belíssimas sobre nossa cultura. Outro destaque fica a cargo do *Que Horas Ela Volta?* narrando a história de uma empregada doméstica Val (Regina Casé), que um dia recebe sua filha vinda do Nordeste, Jéssica (Camila Márdila), que decide prestar vestibular, porém com sua vinda o comportamento dos patrões muda com relação a Val, que sempre se dedicou bastante ao trabalho. Val, trabalha para uma família de classe média alta, dorme em um quarto nos fundos da casa, e a janela de seu quarto dá para uma parede. Jéssica vem, e desafia as regras de não comer nada da geladeira, que seja destinado a família, não nadar na piscina e não chegar na sala, onde Jéssica vê um livro que gostaria de ler. Filme dirigido e escrito por uma mulher Anna Muylaert, que expõe as desigualdades sociais, a exploração e os conflitos de classes.

O livro *Iniciação à Filosofia*, autoria Marilena Chauí temos a indicação de vinte e dois filmes, destacando em especial com a nossa temática, *Ágora* e *Estamira* (2004) documentário que narra a vida de Estamira Gomes de Sousa, ela vive no lixão do Rio de Janeiro, tem problemas mentais e reflete sobre diversos temas como problemas sociais, o destino dado ao lixo das grandes metrópoles e como viver em condições lamentáveis.

Neste livro temos novamente *Ágora* sendo recomendado. E temos um documentário que narra a vida de uma mulher com 63 anos, que trabalha a mais de vinte anos em um lixão no Rio de Janeiro, Conhecer a vida dessa mulher é fundamental, para entender parte de nosso Brasil, uma parte que está escondida por

cegueiras sociais, invisível aos olhos de muitos, podemos dizer que ela apresenta uma mulher sábia, quando buscamos ver por outros olhos o que ela diz.

Apresentamos agora o livro *Filosofia e Filosofias existência e sentidos*, autoria Juvenal Savian Filho contendo a indicação de trinta filmes, cabe destacar *Central do Brasil* já apresentado acima. E o filme *Tomates Verdes Fritos* (1991), Evelyn Couch (Kathy Bates) visita um parente em um lar de repouso para idosos, em suas visitas ela conhece a Ninny Threadgoode (Jessica Tandy) e com ela começa uma amizade com conversas sobre os anos de 1930. No decorrer do filme Evelyn percebe que tem um casamento abusivo, onde ela é reprimida pelo marido dentro de sua própria casa.

Este apresenta apenas dois filmes sendo um deles já analisado aqui, *Central do Brasil* e o outro é *Tomate Verdes Fritos*. Nesse filme vemos lealdade, amizade, sororidade, amor entre amigas e amigos. O sentimento que une duas amigas, e com isso despertam a antipatia dos habitantes conservadores da cidade, o fato mais relevante desse sentimento dos demais moradores é o fato das duas personagens buscarem tratar todos os excluídos da sociedade com igualdade.

Temos também o livro *Reflexões filosofia e cotidiano*, autoria José Antonio Vasconcelos contendo indicações de vinte e oito filmes, vale destacar, *O Jogo da Imitação* já mencionado acima. E o filme *Hoje Eu quero voltar sozinho* (2014) esse filme narra a vida de Leonardo um garoto cego, que tenta conviver com a superproteção de sua mãe, buscando assim sua independência. No colégio ele conhece Gabriel (Fábio Audi), com essa nova amizade novos sentidos são despertados, Leonardo começa a descobrir mais sobre si mesmo e sua sexualidade, de forma natural e sutil o filme aborda esses temas. E uma ressalva especial, por esse ser o único livro dentre todos que dedica um capítulo especialmente para Filosofias feministas e seus desdobramentos, na Unidade 4: Para além do eurocentrismo, que aborda também A Filosofia oriental e as filosofias africanas e afrodescendentes.

Aqui temos dois filmes que apresentam personagens homossexuais. *O Jogo da Imitação* já foi analisado aqui nesse tópico, muito importante rever o filme indicado em outro livro didático de filosofia. E ver o cinema nacional, marcando presença novamente, nesse filme que relata a história de dois garotos que estão se descobrindo no mundo. O filme lança o olhar sobre a temática de sexualidade, amizade e preconceito. Temas presentes em nossas escolas, que merecem um debate em sala de aula, principalmente precisamos falar sobre inclusão de cegos nas escolas, para desmitificar muitos questionamentos.

E por fim temos o livro *Filosofando. Introdução à Filosofia*, autoria Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins contendo onze indicações de filmes, destaque em especial para o filme *As Sufragistas* analisado na seção 3.2 que retrata a luta das mulheres para conquistar o direito de votar na Inglaterra. *Ligações Perigosas* analisado acima também está entre as indicações.

No último livro temos dois extremos com temática feminina. De um lado temos *Ligações Perigosas* e sua temática um tanto ousada para o ensino médio, e de outro *As Sufragistas* que trazem o tema da batalha que as mulheres inglesas, travaram para conseguir o direito ao voto. O tema trabalhado no filme das Sufragistas, se faz necessário para mostrar que o direito ao voto foi algo adquirido, depois de muito anos que os homens já faziam, sem mencionar que em alguns lugares é muito recente esse direito, outros locais a mulher não podem expor seu direito à cidadania. Esse filme reflete muito, quais fatos movimentaram o mundo para começar as ondas do feminismo em vários lugares. Recomendamos que trabalhem o filme como um todo, pois é importante compreender cada procedimento realizado pelas mulheres, desde o ambiente inapropriado de trabalhado nas fábricas, até diálogos com o delegado de polícia que fazia as prisões.

## **2.4 As personagens principais e rompimento com estereótipos normativos**

Buscando apresentar filmes nos quais a mulher é retratada sendo a personagem principal da obra cinematográfica, fugindo dos antigos estereótipos que o cinema apresentava nos grandes clássicos do cinema. O universo feminino deve ser mais que discutir sobre homens, moda e arrumar casa vestida como uma *pin-up*. E com o advento do cinema tendo mulheres como diretoras e roteiristas começa o movimento de mudança nas personagens, agora com mulheres fortes, decididas e donas de seu destino:

### **Mulher-Maravilha (2017)**

O filme inicialmente apresenta a ilha de Themyscira onde vivem em paz as amazonas e dentre elas Diana Prince a princesa da ilha. Audaciosa, curiosa, sendo a única criança (segundo a mitologia Zeus soprou vida de uma estátua de barro) do povoado, ela começa observar o treinamento de guerra que ocorre entre as amazonas. Isso gera grande preocupação de sua mãe Hipólita a rainha.

Dentre as mais destemidas das amazonas está a General Antíope, que decide treinar a pequena Diana, desobedecendo uma ordem direta da rainha; e que mais tarde, quando percebe que a filha deseja ser uma amazona, muda de ideia e recomenda que Antíope a treine com as mais rígidas regras de lutas.

No povoado não existe homens, até que um belo dia um avião de guerra cruza a barreira que deixava a ilha inacessível aos humanos e traz consigo a guerra a ilha de paz. Estamos passando pela segunda guerra mundial, todos lutando contra as tropas de Hitler e Diana decide ir ao campo de batalha enfrentar Ares, o deus da guerra. Chegando na cidade de Londres ela se depara com uma sociedade que exige vestimentas distintas entre homens e mulheres. Nesse momento, ela faz um questionamento a Etta Candy, a secretária do Steve Trevor, o soldado que caiu na ilha: “- como uma mulher consegue lutar vestindo isto?” e tem a seguinte resposta:“- estamos lutando pelo direito ao voto!”.

Transgredindo a moda da época ela opta por vestir algo que se assemelha a um terno que era exclusividade masculina. Em uma reunião, em que os políticos e generais estão decidindo os rumos da guerra, ela consegue ler o que está escrito em um caderno e identifica que o idioma é sumério. Assim deixa todos da sala cismados, afinal: como pode uma mulher saber ler sumério, e por que ela está numa reunião sobre atos da guerra – questionam eles.

Com isso, podemos perceber que a personagem da Mulher-Maravilha romper costumes de ordem social sobre como deve ser o comportamento de uma mulher. No campo de batalha ela decide ir à luta contra os rivais. Pois o Steve Trevor antes desse ato diz que ela não pode lutar e ela decide ir em frente e adentra no campo de batalha usando seu escudo e braceletes para repelir as balas das tropas inimigas.

Utilizando sua força, agilidade e inteligência, ela consegue o apoio das tropas aliadas e juntos eles trazem a paz para o vilarejo que a meses enfrentava bombardeios e tropas em combates. Esse é aquele momento em que a personagem convida quem estiver assistindo a ter coragem e buscar vencer no campo de batalha o que desejar, o que sonhar, mesmo que alguém diga que você não pode.

O filme pretende apresentar uma personagem feminina que tem os mesmos poderes que o super-homem. Nas Histórias em Quadrinhos (HQ) a Mulher-Maravilha é a primeira personagem a ter uma HQ somente sua. Isso porque em 21 de outubro de 1941 decidem testar a popularidade de uma personagem feminina que tenha força.

Glória Steinem é uma jornalista renomada, que batalhou muito como ativista política pelos direitos das mulheres em filmes e séries de televisão. Em 1973, ela trouxe a personagem da Mulher-Maravilha para ser capa da revista *Feminista Ms.* Revista que tinha grande circulação nos Estados Unidos e que fez mudanças no uniforme da personagem. Tal retorno ocorreu devido nos anos 60 a personagem ter perdido os poderes e se tornado uma mulher preocupada com a moda. Já nos e nos anos 70, Diana Prince foi escolhida como símbolo do movimento de Libertação da Mulher, a Steinem diz o que Diana Prince significa para ela:

“Quando eu era jovem, a Mulher Maravilha me encorajou a acreditar que não só eu posso fazer o que um garoto poderia fazer, mas eu também poderia superá-lo. Como Mulher-Maravilha diria a seus inimigos do sexo masculino: “Eu ainda vou rir por último”! Qualquer coisa que você pode fazer, eu posso fazer melhor! “Agora, como adulta, ela continua a inspirar-me a ser um modelo positivo para as meninas”. Algum dia, eu vou ser uma super-heróina também”. (STEINEM, Gloria. Revista Ms. 1972)

Podemos trabalhar com a temática sobre a mitologia grega que indica que, por ser filha de Zeus com a uma humana, Diana se assemelha ao Hércules. Personagem este já conhecido de muitos por desenhos ou filmes. Outro tema pode ser a natureza humana com base nos contratualistas Rousseau e Hobbes: que compreende que existe a bondade no homem, porém esse é corrompido pela sociedade e isso o torna adepto de conflitos, autodestruição e sempre causa guerra. No filme, Diana percebe que mesmo derrotando Ares, o deus da guerra, o homem ainda deseja continuar com a segunda guerra.

O filme também apresenta como as vestimentas são entendidas como definição de gênero, colocando as mulheres em roupas desconfortáveis como vemos na cena que Diana está escolhendo roupas para andar em Londres e questiona como as mulheres conseguem lutar com aquele tipo de roupa.

### **O diabo veste Prada (2006)**

O filme narra a história de Andrea Sachs (Anne Hathaway) que sonha em escrever uma coluna num jornal, mas enquanto não consegue a vaga decide trabalhar de secretaria da revista Runway. Revista sobre moda que tem como diretora a Miranda Priestly (Meryl Streep). É um filme leve, com trilha sonora perfeita que combina com todos os recortes de cenas para mostrar todo glamour do meio da moda. Andrea tem um namorado com qual divide apartamento. A narrativa do filme faz a transformação de Andrea na gata borralheira e em um momento da trama ela recebe

uma crítica de Miranda, porque Andrea acha graça em uma cena de uma troca de roupas para uma capa da revista e com isso ela busca mudar sua aparência para buscar agradar sua chefe.

A transformação das personagens femininas em qualquer produção cinematográfica sempre vai se remeter ao mito da gata borralheira como analisa o pesquisador Douglas Kellner, que diz o seguinte: “o filme ilustra o processo de autotransformação através da moda, dos cosméticos, da dicção e do modo de ser, bem como o grau de mediação da identidade pela imagem e pela aparência” (KELLNER, 2001 p. 299:300). As mudanças na personagem do cabelo, seu guarda-roupa e até mesmo a mudança de segurança e confiança não foram algo que Andrea odiou, no final do filme ela assume que gostou do novo visual.

Sendo assim, não podemos mais encaixar as mulheres no padrão de um filme do início do século passado, depois das transformações do ano de 1960 e com o advento de um cinema que rompe a perspectiva hegemônica. E com essa transformação modificou as representações das pessoas, além de seu modo de pensar e comportamento dentro e fora do cinema.

A função social da mulher se modificou e não existe como determinar parâmetros fixos que determinem ou enquadrem as mulheres com único padrão de representação. Desta forma, o filme *O Diabo Veste Prada* é uma referência que apresenta essa mudança cultural que afetou as configurações da sociedade moderna e deixa evidente que o cinema também vai refletir esse feito. Em um diálogo com o Dom Juan da trama, o Christian Thompson (Simon Baker), Andrea diz que só consideram Miranda uma megera, bruxa, mal-amada, porque ela é uma mulher que gerencia uma revista importante. E caso fosse um homem, com a mesma personalidade, seria um grande líder com visão de futuro.

Podemos utilizar nesse filme o pensamento sartriano sobre as escolhas que Andy faz questão de negar serem suas. Em várias falas da personagem vemos ela dizer que não teve escolha, porém Sartre diz que o homem está condenado a liberdade e mesmo quando não escolhe ele está escolhendo. Portanto, Andy escolhe não escolher e deixa isso para os outros fazerem, o que gera angústia na personagem em momentos decisivos no filme. Mas, nos minutos finais do filme ela decide o que deseja para seu futuro e enfrenta as consequências de seus atos em nome da sua felicidade.

## Os Eternos (2021)

Temas como sexualidade já se fazem presentes nas HQ's, devido aos vários impedimentos que deixavam de lado uma abordagem do meio social com toda sua diversidade. No universo Marvel Comics, desde 2005 temos um novo grupo de heróis que são “*Os Jovens Vingadores*” e entre eles existe um casal homossexual. Segundo Maciel: “O mundo das histórias em quadrinhos, por exemplo, é um fértil e rico campo de narrativas que possibilita pensar as diferentes inquietações sociais do século XX e XXI (MACIEL, 2019, p.60)”. As histórias dos heróis deixaram de ser infantilizadas a muitos anos, hoje elas são representações sociais do nosso mundo.

E não seria diferente quando esse universo fosse para telona do cinema, com o filme “*Os Eternos*” (2021), a Marvel junto com a Disney assumiu o compromisso de apresentar o primeiro casal homossexual e o primeiro beijo também. A personagem Phastos interpretada pelo Brian Tyree Henry é também um dos poucos heróis negros dos filmes e seu marido é o Ben interpretado pelo Hazz Sleiman. Por causa do beijo, o filme foi proibido na Arábia Saudita, Kwait e Qatar. O Sleiman é de origem libanesa, tendo parte da família mulçumana. Em uma entrevista ao The Direct, o ator Haaz Steiman disse o seguinte:

Esse é o meu primeiro filme da Marvel, então é claro que eu estou animado. Minha intuição me diz que vocês ficarão orgulhosos. Tenho muito orgulho pelo que a Marvel foi capaz de conquistar. Phastos é um dos maiores super-heróis do filme. Eu sou o marido dele, um arquiteto; nós temos um filho.

E complementa dizendo:

Apesar disso, eu também desejava ter interpretado um super-herói. Até porque, quando vocês viram um ator árabe mulçumano abertamente gay interpretando um super-herói? Mal posso esperar para ver.

O longa apresenta de forma natural essa família que está em todos os lugares e agora retratado no Universo Cinematográfico da Marvel (UCM). A relação de cuidado do Phastos que não quer abandonar a família para ir lutar contra um dos seres mais poderosos do universo e impedir que a terra seja destruída. O momento decisivo é quando o Bem diz que ele deve ir lutar pela sua família.

Esse filme apresenta a possibilidade de trabalhar com Filosofia da Religião, assim podemos apresentar as mitologias e experiências espirituais. No filme vemos cenas que remetem a visão judaico-cristã como a arca de Noé a citação “a verdade

vos libertará”, mas apresenta também o mito mesopotâmico de Gilgamesh uma das personagens do filme, além de cerimônias com orações hindus.

No filme vemos como a violência fez parte da História. Em momentos temos cenas de guerras que são apresentados como genocídio: quando como vemos na cena que mostra as mortes causadas pelos espanhóis as civilizações ameríndias e quando mencionam como foi desumano a bomba atômica.

### **Palmer (2021)**

Na trama de *Palmer* (2021), temos um ex-astro do futebol americano, Eddie Palmer (Justin Timberlake) que foi condenado a 12 anos de prisão por uma tentativa de homicídio. Tendo sua condicional aceita, ele retorna à cidade para morar com sua avó, a Vivian (June Squibb). Ela que foi responsável pela criação dele quando criança, por ser órfão.

Tendo uma vizinha complicada por ser viciada em drogas ilícitas e ter uma relação abusiva com o atual companheiro, ele se depara com um garoto que fica aos cuidados de sua avó quando a mãe dele viaja, o Sam (Ryder Allen) de 7 anos de idade. A personagem do Sam sofre bullying na escola por ser uma criança não-binária. Palmer se aproxima do Sam sem querer, pois, sua avó morre e ele fica sem saber como lidar; ele ainda procura a polícia para tentar entregar o Sam, mas se arrepende e retorna com Sam para casa de sua avó.

Ao abordar a questão de gênero o filme é sutil deixando a emoção falar mais alto quando Palmer presencia os atos de violência contra o Sam, em uma cena Palmer espanca um homem que era seu amigo, pois, ele invade o quintal onde Sam brinca com uma amiga e borra toda a maquiagem que tinha no rosto dele, e diz que isso não é coisa de menino, nesse momento vemos o quanto o Sam mudou o Palmer, que no começo não entendia os motivos que levava o Sam a brincar de boneca, gostar de desenho de fadas, mas com o passar das cenas vemos o amor dele pelo menino crescer e se tornar uma paternidade escolhida.

Palmer se vê a margem da sociedade pelo crime que cometeu e já está pagando a sentença e enxerga que o mesmo acontece com o Sam que é excluído pelos garotos da escola. No dia do Halloween, festa a fantasia é o costume dos norteamericanos, Sam pede uma fantasia de fada igual a dos desenhos que ama tanto. Palmer avisa que ele pode ser um príncipe, mas o menino diz ser princesa e nesse embate surge a frase de Sam dizendo: “que quer ser o primeiro menino princesa”. Na



sala de aula o grupo de meninos estavam rindo do Sam, até que a professora entra vestida de diretor e diz que: “No dia do Halloween ou em qualquer outro dia, todos podem ser o que quiser, sem distinção”; chega próxima de Sam e elogia sua fantasia de fada.

Ao término do filme fica a sensação prazerosa que o filme tratou de algo que muitos relutam em entender de forma simples, direta e objetiva. No fim das contas, o que vale não é o que você é ou deixa de ser, mas o amor que você sente e o respeito acima de tudo. Entender é amar, é compreender, é buscar olhar com algo mais que um preconceito social.

Nesse filme podemos explorar o conceito de família definido por Hegel e reformulado por Honneth. Hegel criticando o formalismo da ética kantiana distingue moralidade de eticidade, com isso demonstra que um princípio ético deve se submeter ao processo de mediação das vontades a fim de ser uma lei universal. As eticidade hegeliana têm como instâncias mediadoras a Família, a Sociedade Civil e o Estado. A conjectura de família proposta por Hegel tem um embasamento natural, não comportando as dimensões culturais necessárias para uma transformação das relações familiares. Em seu livro *Filosofia do direito* Hegel deixa evidente esse conceito:

A família, enquanto *substancialidade imediata* do espírito, tem por sua determinação sua unidade *sentindo-se*, o amor, de modo que a *disposição de espírito* é ter a autoconsciência de sua individualidade *nessa unidade* enquanto essencialidade sendo em si e para si, a fim de ser nela não uma pessoa para si, porém como *membro*. (HEGEL, 2010, § 158)

Honneth entende que a família sempre foi constituída por uma relação complexa que constituía como lar familiar o ambiente que incluía o casal, serviçais, tios, avós e outras pessoas que fizessem parte deste ambiente. Porém, nos últimos duzentos anos, tivemos uma transformação gradual desse núcleo familiar. Tornando-se agora um ambiente entre os pais e seus filhos. Honneth apresenta que a nova concepção de família deve suportar a formação de membros do mesmo sexo (homossexuais) e membros do sexo oposto (heterossexuais). Que a composição familiar não depende mais de um impulso natural, essa composição pode ser gestada culturalmente. Sobre essa composição Honneth diz:

A família moderna – tal como começou a se constituir, há cerca de duzentos anos, e tal como hoje continua a representar a normalidade – deveria ser considerada, segundo sua estrutura intersubjetiva, uma relação trifásica; assim, há muito tempo deixou de ser decisivo se os pais estão casados e compõem efetivamente um casal heterossexual ou se os filhos são realmente

seus filhos (biológicos); o que importa é tão somente que a relação de dois adultos esteja mediada pela relação adicional com um terceiro, isto é, o(s) filho(s). Para a liberdade social, da qual podemos falar de olhos postos na família moderna, o fato da triangularidade constitutiva é decisivo. (HONETH, 2015a, p. 282)

Podemos debater essas novas composições familiar com base em casais separados, casais homossexuais, adoção de filhos, casais heterossexuais. Portanto está mais próxima de nossa sociedade atual. E no filme vemos Palmer e Sam sendo uma composição familiar e não precisando ele estar casado. O filme ainda explora como a sociedade constrói as performances de gênero, ditando se existe cor de roupa ou brinquedo de menina e menino. Essa separação é muito bem relatada no filme e explorada com cenas de forte impacto: como quando numa cena uma criança é humilhada por um adulto por estar brincando de boneca com suas amigas.

### **Luca (2021)**

Uma produção incrível que narra a aventuras de dois amigos em busca de seus sonhos. *Luca* (2021) é uma animação da Pixar e distribuído pela Disney. O filme é ambientado na Riviera italiana, em meados dos anos 50 e 60. Os personagens centrais Luca Paguro e Alberto Scorfano são jovens monstros marinhos que possuem a capacidade de assumir a forma humana quando estão fora da água. Luca vive com sua família que lhe ensina a ter medo da superfície e tudo que vem de dela. Alberto é solitário e mora sozinho e juntos eles decidem ir à cidade de Portorosso.

Na cidade eles encontram Giulia e seu pai Massimo Marcvaldo que cuida da Giulia desde o falecimento de sua esposa. Aqui vemos um núcleo familiar que rompe a ideia do conto de fadas, onde todo pai viúvo tende a arrumar uma madrasta para cuidar de sua filha. Ele cuida sozinho e não tendo um braço vemos a Pixar adicionar novos elementos as suas tramas, em várias animações temos isso.

O caso de Massimo é outro divisor de águas na trama que incluem uma personagem que nasceu com apenas um braço foi proposital segundo os produtores. Eles decidiram consultar Jim LeBrecht, ativista pelos direitos dos deficientes e que também é cineasta. Juntos chegaram à conclusão de que de uma frase que a personagem do Massimo diz que é: “Foi assim que vim ao mundo” e vemos que como Luca e Alberto Massimo também nasceu diferente, sendo uma figurada amada e respeitada pela comunidade e de extrema importância no desfecho da história do filme.

O trio Giulia, Alberto e Luca sofrem o bullying praticado pelo Ercole Visconti. Que, além de ameaçar eles, ao longo da trama vemos ele humilhar todas as crianças da cidade.

A trama não fala abertamente sobre sexualidade dos personagens, porém fatos e falas que o filme traz produzem a intenção de demonstrar como eram e são tratadas as crianças que são LGBTQ+. Vamos analisar agora algumas:

A avó de Luca no começo do filme diz a seguinte frase: “Algumas pessoas nunca vão aceitá-lo, mas algumas vão”. Luca revela aos pais que foi a superfície com um amigo e o tio diz: “É isso, tem que ter uma má influência. Vocês acertaram em me chamar”, os planos dos pais de Luca é ele ir morar com tio nas profundezas do oceano, até que a estação passe. A mãe diz que que faz isso pelo bem dele: “O que eu tiver que fazer para te manter longe da superfície vou fazer”, e reforça: “Ei, olhe nos meus olhos. Você sabe que eu te amo, certo?”

Quando Luca chega aonde Alberto mora vemos que os pais o abandonaram e não sabemos o motivo. Ele vê em Luca um amigo que o faz feliz e para ser um filme LGBTQ+ não precisa tratar de romances, a temática vai além dessa parte sexual e amorosa, também pode estar nas amizades e histórias afins.

A perseguição que os meninos sofrem quando são descobertos é muito próxima de como a sociedade julga os que consideram desiguais, com tremenda intolerância são inegáveis não encontrar semelhança, quando Luca é forçado por Alberto a revelar ser um monstro marinho para sua amiga Julia vemos a negação dele preocupado em como a amiga vai reagir se descobrir a verdade.

O diretor Enrico Casarosa confirmou que tinha intenção de fazer as pessoas “desajustadas” ou “rejeitadas” encontrarem em seu filme uma identificação com suas histórias. Ele disse numa entrevista: “O momento que eles ‘mostram o monstro marinho’ e aceitam suas próprias diferenças pode ser uma metáfora para qualquer coisa. A ideia não é específica, mas universal”, comentou o diretor.

Vemos no filme a curiosidade da personagem Luca sobre a superfície e tudo que existe nela. Nesse momento vemos a formulação de alegoria da caverna definida por Platão, Luca precisa romper as correntes que foram impostas por sua família e ir em busca de obter o conhecimento sobre o que existe na superfície. Outra temática que podemos explorar é a aceitação do outro pela sociedade, como dito no texto acima o filme pode ser visto como temática de questões de gênero por mostrar diversas cenas em que os personagens são coibidos de agir e apresenta a não

aceitação dos pais com a personagem do Alberto. Quando dizemos que a escola deve trabalhar questões, a fim de que cada vez mais a turma e a sociedade tenham esses temas naturalizados e assim não serem visto como algo fora do padrão ou de uma norma. Também podemos explorar a formulação de família como no filme anterior já que os pais de Giulia são separados e mesmo assim não deixam de estar juntos na criação da filha.

## **CAPÍTULO 3 – EXPERIÊNCIAS DURANTE OS ESTÁGIOS SUPERVISADOS NAS ESCOLAS DE CAMPINA GRANDE**

### **3.1 A utilização do filme como recurso pedagógico nas aulas de Filosofia durante os Estágios Supervisionados**

Ao longo do curso tive a oportunidade de cursar quatro disciplinas de Estágios Supervisionados. Nas quais criamos um vínculo com escolas onde foi possível acompanhar toda dinâmica e o dia a dia da escola e da sala de aula de Filosofia do Ensino Médio; as metodologias adotadas pelos professores; as diferentes abordagens didáticas; e a forma como as turmas influenciam o ritmo do conteúdo programático; além de buscar entender como funciona a dinâmica da Escola Cidadã Integral. Para avaliação de conclusão destas referidas disciplinas temos que redigir um relatório de fatos analisados durante o período de execução curricular.

No estágio supervisionado tivemos contato com um novo modelo de escola, a escola cidadã, que foi inserida no estado da Paraíba aos poucos desde 2015. Por isso é importante compreender como esse novo formato de escola ganhou espaço entre as escolas não integrais.

Para uma melhor compreensão de como foi a implementação e como é o Programa de Escola Cidadã Integral e Escola Cidadã Integral Técnica: foi através dos decretos nº 36.408/2015 e 36.409/2015, aprovados durante o Governo Ricardo Coutinho (PSB). No ano de 2018, com a Lei nº 11.100/18, teve início a Política Pública de Estado para educação na Paraíba, que criava o Programa de Educação Integral, que era formado pelas Escolas Cidadãs Integrais (ECI), Escola Cidadã Integrais Técnicas (ECIT). A título de comparação, no ano de 2016, o número de escolas no Estado na modalidade ECI eram 8 escolas; em 2017, foram 33. Já em 2018, tínhamos 100 escolas em todo Estado: sendo 66 ECI e 34 ECIT, atendendo o quantitativo de 35.000 estudantes na rede pública. Em 2019, esse número atingiu 150 escolas, ofertando 45.000 mil vagas para estudantes da rede pública.

A Escola Cidadã e Técnica Nenzinha Cunha Lima oferecia as seguintes modalidades de ensino: Ensino Regular Fundamental, Anos Finais com meio período (apenas pela manhã ou pela tarde); Ensino Médio Regular meio período, e o PROEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) com Ensino Médio integrado ao profissionalizante que funciona da 1ª série a 3ª série. No ano de 2015, a escola já

contava com o Programa Ensino Médio Inovador (ProEmi), iniciado no ano de 2012, sendo o indutor para o surgimento da educação em tempo integral no ensino público paraibano. Que tem começo no nosso primeiro Estágio Obrigatório (2015) e completamente implantada em 2017.

Vamos apresentar a nossa experiência obtida no decorrer do Estágio Supervisionado I. O foco nas disciplinas Estágio Supervisionado I e II não se fundamentava no estudo e observação didática a utilização do cinema. Coube a essas disciplinas a observação da estrutura da escola e da estrutura física da sala (janelas, carteiras etc.) e as pessoas que trabalham nesse ambiente na parte da direção com levantamento do quantitativo de estudantes, faixa etária etc. A metodologia abordada em sala de aula de Filosofia coube aos últimos Estágios Supervisados III e IV.

O relatório tem por objetivo uma exposição geral dos aspectos observados na Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Nenzinha Cunha Lima,<sup>3</sup> localizada na cidade de Campina Grande, na Paraíba. O referido estágio ocorreu sob a orientação do professor Luciano da Silva, com supervisão da professora Kalligiana Araújo de Farias.

No quesito estrutura física, a escola conta com salas, biblioteca, sala de professores, cozinha, quadra esportiva entre outros espaços que serão especificadas no desenvolvimento deste relatório. A escola também conta com recursos tecnológicos de ponta para oferecer ao corpo discente e docente acessibilidade e praticidade, além de aulas dinâmicas e integradas. Em relação às salas de aulas observadas durante o estágio, em todos os encontros apresentaram-se em bom estado de uso; salas arejadas com janelas, paredes limpas, lousa, cadeiras, birôs e ventiladores em condições adequadas, disponibilizando um certo conforto tanto aos alunos quanto à professora em vigência. No que diz respeito à escola em si, pode-se notar a ausência de um refeitório, o que se nota é que improvisaram um mini refeitório em uma parte da escola, mas não existe capacidade para todos os alunos. Nesse caso, improvisaram com mesas na área livre que servem também como mesas de estudos para os alunos; há, ainda, um amplo território que serve de estacionamento para professores e alunos. Esses foram os pontos de observação desta disciplina.

A disciplina Estágio Supervisionado II também foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Nenzinha Cunha Lima, Campina Grande –

---

3 Nome da Escola no ano de 2015, que foi sendo modificado nos demais Estágios Supervisionados

Paraíba, sob a orientação professor Edson Adriano Moreira, com supervisão da professora Kalligiana Araújo de Farias. Nesse estágio ficamos encarregados de fazer o levantamento arquitetônico da sala de aula, se ela dispunha de janelas, algum material tecnológico (televisão, projetor de imagem, computador), como era a aula de outras disciplinas, para entender a dinâmica da escola e da própria turma, além de observar a metodologia da aula de filosofia.

Neste estágio foi observado um pouco da metodologia adotada pela professora Kalligiana A. Farias que é baseada na compreensão e capacitação do estudante. Compreensão de ideias e conceitos de alguns filósofos e capacitação para que o estudante do Ensino Médio consiga conhecimento para um enriquecimento como ser cidadão na sociedade. Percebe-se que o estudante do Ensino Médio na disciplina de Filosofia tem noções que o estudo dela de certa forma auxiliará na sua vida, a grande preocupação que muitos têm em relação ao ENEM é sanada nos momentos de debates em sala de aula, dúvidas do tipo: Como será a vida acadêmica numa universidade? Como lidar com um futuro incerto? A professora auxilia nesse debate dando exemplo de como foi a sua vida acadêmica, e esse fato é bem recebido pelos estudantes que se sentem motivados a ir além do ambiente escolar e porventura sonhar com esse meio universitário.

Os estudantes são convidados ao diálogo aberto e mediado pela professora para que não ocorra fuga do tema trabalhado. Ela os incita a dialogar sempre, tendo em vista que a professora sempre utiliza o recurso de causar suscitações durante a apresentação da aula, gerando inquietações e desejos por conhecer e se habilitar a desenvolver um novo conhecimento.

Também buscamos analisar a metodologia e o plano de curso da professora em sala de aula. A criatividade dos estudantes, é, de fato, empolgante e deixa evidente o entusiasmo com as defesas de cada estudante sobre seu ponto de vista. Os recursos metodológicos utilizados por Kalligiana são textos fragmentados, o uso de vídeos pertinentes sempre com pausas para comentários propícios para discussão em sala de aula, música, o livro didático (quando necessário o seu uso), quadro poucas vezes para fazer meras anotações de nomes e ideias, nunca para conteúdo.

O vídeo utilizado pela professora era relacionado aos filósofos pré-socráticos e sua busca pela origem de tudo na natureza. Era uma animação que apresentava as caricaturas dos pensadores e, respectivamente, os elementos naturais que cada um acreditava ser a causa da origem de tudo. Algo pertinente é que a animação desse

tipo possui uma linguagem própria, com humor pela caricatura são sempre as cabeças dos filósofos que chamem atenção, criando um ambiente com base no saber e do riso. É extremamente importante que nas aulas de filosofia os recursos utilizados sejam diversos, cinema, animação, documentário etc. Cada um tem uma forma única de cativar e apresentar os conteúdos.

Uma fórmula que ela conseguiu trazer do meio acadêmico para o Ensino Médio foi jogar um pouco mais de responsabilidade no alunado e assim mostrar que a avaliação boa ou ruim é responsabilidade deles. Com uma correção de atividades feitas no caderno, que seriam os textos que o estudante teria anotado, sem aquela obrigação de “pessoal anotem isso”, “façam assim”, a professora fazia com que eles saibam o quanto é importante ter responsabilidade e coerência quando estamos no campo do saber.

Na disciplina Estágio Supervisionado III tivemos um problema em relação ao Registro de Atividades, faltando completar a carga horária obrigatória na escola. Portanto essa disciplina foi cursada duas vezes por mim. Na primeira experiência foi na mesma escola que as anteriores e supervisão da professora Kalligiana A. Farias, sob orientação do professor Flávio José de Carvalho. Nesse semestre tive a oportunidade de observar, não mais a estrutura da escola, mas apenas a sala de aula de Filosofia do Ensino Médio. Com isso reforcei minha observação sobre a metodologia adotada pela professora nas aulas de Filosofia, sempre provocando nos estudantes uma curiosidade aguçada pelos temas das aulas e momentos de muita reflexão, permitindo que eles consigam falar sobre seu contexto histórico e como é a relação desse fato com a aula de filosofia.

A professora utilizou o filme o “*Nome da Rosa*” (1986), para uma aula sobre o período da patrística e escolástica no medievo da História da Filosofia. Tendo como destaque as pausas para buscar nos estudantes o que eles perceberam na cena, sempre tentando estimular o ato *pático* neles. Por se tratar de um filme longo para uma única aula, ela selecionou momentos propícios para o debate ser provocado na sala e realizando recortes que enxugaram o filme. Porém não afetaram seu conceito-imagem. Em certos momentos acontecem diálogos que não fazem parte da trama que a professora gostaria de apresentar no filme e só atrapalharia o entendimento sobre o período medieval -, na semana anterior a professora tinha trabalhado patrística e escolástica. Com o filme ela gostaria de fixar melhor quais eram os dogmas e como foi o período em que as obras de Aristóteles eram proibidas, por serem consideradas



obras de humor e o riso era condenado como ato que deforma a face das pessoas, essa era a compreensão que tinha do riso na Idade Média.

Um fato curioso que ocorreu durante meus estágios, foi ter mudado de escola por motivos de horários de aula. Por isso, achei melhor buscar outra escola, agora no período da tarde. Pelo fato de que estava na Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Nenzinha Cunha Lima, observando as aulas há muito tempo, pois tinha realizado na mesma referida escolas os relatórios de Práticas I, II e III, Metodologia I, Estágio Supervisionado I e II. Sendo assim acreditei ser mais edificador ir buscar outras realidades para ampliar meu horizonte. O próximo estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo. Agora na segunda experiência cursando novamente a disciplina Estágio Supervisionado III, sob a supervisão do Prof. Nazito Pereira da Costa Junior, com orientação do Prof. Luciano da Silva.

A realidade é outra com turmas maiores e alunos que vivem outros contextos. Uma coisa em especial me chamou bastante atenção: a presença constante de um policial no interior da escola. Não foi questionado o motivo e apenas ficamos sabendo por meio de especulações que, por ser em um bairro afastado do centro da cidade, poderia haver a presença de criminosos nesse ambiente para venda de drogas. Essas informações foram obtidas através de um amigo que também estagiava nessa escola.

Os alunos demonstram que o interesse da maior parte deles é apenas concluir o Ensino Médio. Isso foi algo surpreendente, pois na escola anterior notava uma maior adesão ao vestibular. Nesse novo meio existe aqueles que buscam fazer o vestibular, mas nota-se também que o público da sala de aula mudou: se antes os alunos tinham entre 12 a 17 anos de idade, na Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Nenzinha Cunha Lima; agora os alunos tinham entre 14 a 17 anos, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo - Estadual da Liberdade como é mais conhecida do público.

Em um primeiro contato com o professor ele utilizou algo que muito me agrada: trabalhou com recursos metodológicos que mais tarde desenvolveria em meu Trabalho de Conclusão de Curso. O professor trabalhava com recurso midiático de vídeo buscando imagens para ilustrar como era a composição grega dos deuses do olimpo e retratando os titãs, parte da teogonia. Com isso ele buscou sensibilizar os estudantes para o tema da aula. O vídeo era um documentário da TV Escola sobre a mitologia grega, ele tinha o tempo 10 minutos de duração e na sua sequência ocorreu

um debate que foi intermediado pelo professor, buscando sanar as inquietações da turma sobre o conteúdo apresentado. Durante o debate os estudantes trouxeram como exemplos filmes, desenhos, jogos que fizeram parte de sua vida e com isso houve comparações com o documentário que o professor trouxe.

Essa atividade foi realizada com três turmas na sequência e cabe bem lembrar que não tivemos o mesmo efeito causador de espanto homogêneo em todas as turmas, cada turma é única. Os estudantes sempre observavam e interpretavam os conceitos de forma única e por esse ocorrido ficará a cargo do professor dispor de um bom domínio sobre o conteúdo trabalhado, senão pode ocorrer dele perder o rumo da conversa e virar qualquer aula, menos uma de Filosofia. Vale ressaltar que pudemos observar, em alguns momentos, que os estudantes gostavam de entender fazendo uma comparação com outras mitologias, como a romana, os conceitos religiosos do cristianismo, entre outras. As dúvidas que surgiam sempre giravam em torno de porque existia um titã e um deus com mesmo poder.

Uma característica da avaliação final desta disciplina é a exigência que o discente da universidade tenha um momento para a docência compartilhada na sala de aula de filosofia. Cabe conceituar que docência compartilhada, isto é, desde o planejamento até a execução tudo é feito em parceria com o professor supervisor, vai além de apenas uma mera divisão de trabalho em sala de aula em específico aqui de Filosofia, não pode ser algo que foi planejado apenas por uma das partes e em dado momento do ato um sai de cena e outro assume o palco. A docência compartilhada é um momento em que podemos fazer de nossa atuação educacional algo relevante para todos que compõem esse momento, como relata o Calderano:

Precisamos não somente trocar experiências com os pares, mas também mobilizar os demais participantes do processo em questão. Compartilhar não é apenas dividir o que já se possui ou se pensa. Tampouco se restringe a desenvolver com alguém o que fora planejado por outros. Indo além de uma conotação de mero ajuste a algo pré-estabelecido, para mim, compartilhar é escutar, examinar, ousar, imaginar, criar, criticar, e, dentro das possibilidades (limites e potencialidades), desenhar cooperativamente o caminho, a estrada, a rota e aonde se quer chegar. Compartilhar é também realizar as ações decorrentes desse processo que se retroalimenta e se fortalece, de forma colegiada (CALDERANO, 2016, p. 131).

Com esse momento de compartilhar a sala de aula de filosofia podemos compreender melhor e avaliar que o estagiário é mais que um mero observador. Ele é ator que consegue, nessa troca com o seu supervisor, atingir e gerar novos conhecimentos e práticas. Nesse momento ele fecha um ciclo da vida e na sala de

aula o estagiário já foi estudante do ensino médio, foi observador e nesse momento ele assume a regência e torna-se professor.

Na semirregência a experiência de ficar na frente da sala é primeiramente difícil porque ficamos nervosos com o fato de ser sempre uma surpresa a aula. Mesmo que seja tudo planejado, a turma realiza uma dinâmica própria e isso deixa tudo novo e qualquer estagiário tem que lidar com esses feitos e em segundo lugar o tema da aula também deve favorecer o seu desempenho. Quando realizei essa experiência, os estudantes estavam em um período que na próxima aula seria uma prova que avaliaria o desempenho deles na aula de filosofia e por esse motivo era uma aula mais de revisão dos conteúdos estudados. Fiquei responsável pela parte sobre os mitos e todo tema que envolvia o vídeo trabalhado um pouco antes

Para não repetir o mesmo que foi dito pelo professor, busquei aproveitar o fato deles gostarem de jogos como “*Gof of war*” e explorei um pouco do universo do game que envolve titãs, deuses e humanos. E apresentei para eles o trailer de um filme chamado *Fúria de titãs* que apresentava algo semelhante ao jogo, além de já ter sido reprisado bastante na televisão. Com isso, buscamos responder as questões sobre o panteão grego e sua ordem de hierarquia.

No ano de 2017, cursei o componente curricular Estágio Supervisionado IV, sob supervisão da professora Kalligiana A. Farias e orientação do professor Flávio José de Carvalho, retornando a Escola Cidadã Integrada Nenzinha Cunha Lima.

Esse estágio começou de forma atípica, pois o calendário letivo das escolas teve um atraso, só começando em março e por diversos atrasos causados pela burocracia da Universidade Federal de Campina Grande (os papéis para liberação do estágio supervisionado demorou mais que o previsto) as observações tiveram que ocorrer ao longo de um mês.

A participação diária, pelo fato de ter que cumprir a carga horária, me proporcionou uma intimidade junto aos estudantes da escola, já que eu fui figura presente em quase todos os momentos do mês, participando de momento como Protagonismo que faz parte do novo projeto da escola. Esse projeto foi pensado para que qualquer estudante planeje o que deseja como profissão para seu futuro.

Também tive oportunidade de ver outro projeto os “Doutores Ledores”. Projeto que visa elaborar histórias para serem encenadas no Instituto dos Cegos aqui em Campina Grande. Achei de extrema sensibilidade esse projeto, pois com isso o estudante vai além do seu habitat familiar e conhecer novas realidades. Caso não

tinha tido contato com alguém cego ou surdo e tive a oportunidade de participar desse momento na graduação e foi transformador. A ideia de ver ali no outro algo diferente acaba quando notamos que seja qual for a pedra que fica em nosso caminho ela pode ser superada, já que essa é a maior qualidade humana.

A minha pedra, além da timidez, era o momento de ser avaliado na sala de aula. A regência é uma parte importante e única, a cada palavra, a cada olhar. Seja pelo olhar do estudante durante o momento de regência, seja pelo olhar do orientador que está observando sua regência ou seja da supervisora que quer ajudar de alguma forma para que tudo saia perfeito. Você sente como é importante ter a responsabilidade de estar ali na frente substituindo momentaneamente a professora, e com isso podemos ver nascer no fundo de cada íris deles a curiosidade. Curiosidade por estar diante de um outro ponto de vista, um novo olhar. Esse momento é único porque pude adotar algumas características da professora, primeiro pela proximidade com a sua forma de ensinar, segundo ao longo dos anos observando adotamos um pouco de suas metodologias.

Outro olhar na sala que me chama atenção é o do avaliador, isto é, o olhar do professor orientador do estágio supervisionado. Não avaliando, pois, considero que nesse estágio o avaliador vai além dessa mera função. Ele está ali para guiar e fazer com que o licenciando tenha a oportunidade de melhorar sua docência numa troca de experiência, tanto com a supervisora como com o orientador do estágio supervisionado.

No próximo parágrafo iremos apresentar como foi o processo de elaboração da regência e criação do plano de aula. Como vimos até o momento, esse plano de aula, bem como a regência, passa pelo processo de conversa entre a supervisão, quem está estagiando e quem orienta o estágio supervisionado.

Elaboração do Plano de Aula: Nesse primeiro momento, quando começamos a pensar qual seria o conteúdo interessante a ser trabalhado, ficou à minha disposição seguir o plano de aula da professora que continha os seguintes temas:

- Teoria do Mundo das Ideias;
- A evolução do conhecimento a partir da Alegoria da Caverna;
- As três características da Alma;
- A política platônica e a crítica à democracia;

Desta forma, ficamos encarregados de planejar e escolher em qual deles seria mais interativo para ter um diálogo com o uso de filmes, já que não é novidade para ninguém que essa predisposição de querer trabalhar o cinema seria nosso foco. Relacionando o Ensino de Filosofia e o Cinema, a escolha veio a ser o tema: A evolução do conhecimento a partir da Alegoria da Caverna. Com o tema em mente começamos a elaborar os passos do plano de aula. E nessa etapa, podemos notar erros que ficam como vícios da própria escrita. Muitas vezes em momentos das pesquisas sobre o tema foi notável que alguns escrevem a definição de mito ao invés de alegoria, e, inclusive, na elaboração do plano de aula foi cometido esse erro. Que a regência seria sobre o mito da caverna e obviamente foi corrigido categoricamente pelo orientador e a partir desse momento ficou evidente que devemos manter atenção para não refazer e reproduzir esse equívoco na sala de aula.

Além do equívoco do mito ou alegoria, meu plano de aula apresentou outro problema típico de quem começa e de quem tem uma mente psicodélica - ousou chamar assim porque nela tem explosões e essas me fazem pensar milhares de coisas. Não é como se fosse faltar de foco, pelo contrário, é achar que não está muito amplo o que desejo fazer. E isso foi crucial a cada momento em que tive que pensar e fazer os planos de aula: aprender a equilibrar minhas ferramentas didáticas metodológicas, para não cometer erros futuros.

Aprendi que adotar a avaliação escrita seria como uma quebra com minha proposta de aula utilizando imagens. |A escrita era minha primeira opção de avaliação e debatendo com o professor Flávio Carvalho ficou evidente que deveria ser modificada essa proposta. Isso para que avaliação corresse através de imagens, uma vez que a proposta da minha aula geraria essa imagem como forma de conhecimento. E nessa avaliação ficou o receio de pedir que fosse feito um desenho de uma caverna e os estudantes desenharem apenas a estrutura natural da caverna. Assim teria que deixar evidente que a caverna seria uma simbologia para demonstrar uma prisão onde o conhecimento não entraria. O plano de aula está nos anexos desse trabalho, assim ficará uma melhor compreensão sobre como foi utilizado o filme e todo o momento de metodologia e avaliação.

Execução da Regência: A execução da regência mediante plano de aula sobre a Alegoria da Caverna de Platão, visava apresentar o conteúdo programado do pensamento platônico, interligando-o com o vídeo que foi retirado do filme “Os Croods”. A ligação seria pelo fato de ter uma personagem no filme que buscava

conhecer o mundo a sua volta, mas a sua família tentava ceifar essa vontade de conhecimento da garota. Ela lutava muito contra as histórias que o seu pai contava. Histórias que sempre terminavam em uma tragédia para quem fosse além do que é permitido dentro do ciclo familiar. Eles também viviam em uma caverna, até conhecer um rapaz que utilizava o fogo como fonte de luz e defesa contra animais. Nesse momento os personagens conversavam e trocavam ideias.

O trecho selecionado no filme mostra a transformação de quem ousa sair do estado de inércia do fundo da caverna platônica e, assim como na alegoria, no filme a garota faz o caminho como o homem que saiu da caverna e viu a luz e teve a verdade revelada, ela retorna para relatar o feito a sua família.

O filme “*Os Croods*” (2013) foi o escolhido para o momento da regência, o trecho selecionado é o que mostra o pai (Grug) da personagem Eep. Tem uma frase que diz “o novo é sempre ruim, nunca perca o medo”, esta é a regra geral da família. Toda noite eles dormem em uma caverna e uma dessas noites a Eep decide olhar o que é uma luz que invade a caverna. Ela retira a pedra da porta e vai em busca dessa luz, tenta agarrar a luz com as mãos, mas não consegue. Até que descobre ser uma tocha de fogo carregada pela personagem do Guy. A analogia com a caverna de Platão iria além do fato de existir a caverna em ambos. Antes do filme foi apresentado a turma um trecho da alegoria do Platão e com isso eles já começaram a fazer a conexão a partir do momento que a Eep sai da caverna para entender o que é aquilo que invadiu sua moradia e curiosa quer saber de onde vem e o que é.

Durante debate eles apresentaram não apenas a concepção de caverna no Platão ou no filme, mas também fizeram relação direta com as cavernas pessoas de cada um, seja ela a família, a sociedade, a escola. Nesse momento em que vimos que eles conseguiram ser atingidos pelo conceito logopático, foi quando percebemos que a regência deu certo e que a turma estava envolvida pelo debate. A professora Kalligiana sempre estimulou o debate, e a turma já estava acostumada com a nossa presença em sala de aula, por isso o debate aconteceu de forma natural.

Outro material utilizado foi a história em quadrinhos da Turma da Mônica criada pelo Mauricio de Souza, sobre o personagem Piteco que faz as vezes do homem que sai da caverna. Dando um passo adiante, esse personagem percorre os períodos históricos até nossa contemporaneidade e se depara com homens observando a realidade mostrada na televisão como imagens reais, sem ter a preocupação se o que está sendo mostrado é algo real de fato.

A avaliação realizada foi um quadro onde os estudantes tinham que fazer desenhos mostrando como seria a interpretação deles sobre animais (cavalo, cachorro), coisas concretas (casa, mesa, carro) e objetos abstratos (amor e justiça). Com essa atividade pretendíamos fazer os estudantes notarem como é difícil representar algo que está no mundo das ideias e como é fácil e mutável as coisas que estão no plano concreto como mesa, por exemplo, que possui muitas diversificações. Devemos utilizar tudo que pudermos nas aulas de filosofia, o uso de imagens estimula a turma a apresentar o que pensa sobre cada uma delas e isso deixa livre para que possam falar sem receio de estar certo ou errado.

Abaixo iremos apresentar um pouco da experiência utilizando o cinema no ensino de filosofia nas escolas que atuamos com os programas PIBID e Residência Pedagógica, na cidade de Campina Grande – PB. Esses projetos foram desenvolvidos entre os anos de 2015 até 2019.

### **3.2 Corujão Filosófico como fator de Educação Filosófica**

O corujão filosófico foi realizado durante o programa PIBID. Ao longo do ano tínhamos que apresentar, em cada série do Ensino Médio, um filme que estivesse relacionado diretamente com o conteúdo da aula de filosofia. Tínhamos que promover o ambiente do cinema, sala escura, pipoca etc. Quase sempre solicitávamos alguma aula de outra disciplina, pois por Filosofia ter uma aula semanal ficava impossível exibir o filme e promover o debate em torno do conceito que buscávamos trabalhar. Algumas vezes, reuníamos mais de uma turma, como por exemplo, quando se travava do primeiro ano, que sempre existem dois ou três nas escolas. Durante nossa participação no PIBID entre os anos de 2015 até 2018 e no Residência Pedagógica no ano de 2019.

Nessa seção um detalhe fica evidente: o conceito-imagem do filme - se é um recorte ou vários, em outros momentos podem perceber que irei descrever quase que o filme por completo, pois nesse caso o conceito-imagem é exatamente o filme como um todo. Todos os filmes escolhidos durante os projetos apresentam mulheres fortes como personagens. Foi um fato que correu sem forçar ou perceber que estava escolhendo filmes de protagonismo femininos. Não estamos nessa seção dizendo de

que forma deve ser trabalhado o filme na sala de aula, apenas relatando detalhes que ficaram em evidência durante a exibição de cada filme.

Filmes trabalhados durante o PIBID na Escola Cidadã Severino Cabral.

O filme *“As Sufragistas”* foi trabalhado para apresentar a temática sobre a luta pela igualdade de gêneros. Com isso buscamos apresentar como a sociedade compreende essas diferenças e de que forma a sociedade tende a delimitar os campos de atuação com base na separação de atividades por gênero. Vemos que os conceitos-imagens presentes no filme, afetam as(os) estudantes e isso provoca questionamentos sobre a construção do feminino na sociedade. Debates sobre a importância do voto e a luta das mulheres para consegui-lo. A turma entrou no debate e começaram a apresentar como é importante a mulher reconhecer que tem que lutar pela igualdade seja ela na sociedade ou em casa no âmbito particular. Algumas meninas relataram que conseguiram mudar a noção de que elas foram feitas para apenas casar e constituir famílias, fizeram a família delas entender que precisam estudar para ter um emprego decente no futuro. Trabalhamos esse filme com a turma do terceiro ano do ensino médio.

Com o filme *“Moana”*, buscamos apresentar uma nova representação sobre a curiosidade humana, que sempre busca descobrir o que tem além do horizonte e quais motivos levam a cada coisa acontecer. Com isso, buscamos apresentar uma nova releitura sobre a alegoria da caverna de Platão. Além de mostrar que as princesas da Disney deixaram de ser um padrão de mulheres brancas e parecidas como se fossem cópias umas das outras. O debate girou em torno da coragem da personagem em ir sozinha para o alto mar, buscando acabar com a fome que estava assolando sua ilha. Algumas meninas se identificaram com a nova princesa da Disney que agora é parecida com elas, tem o mesmo cabelo que elas, isso é importante mostrar que existe representatividade. Esse filme foi trabalhado com duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio.

Já o filme *“Decisão de Risco”* foi apresentado para demonstrar como as escolhas que fazemos podem afetar os outros e de que forma podemos exercer o direito de escolha tendo como base o existencialismo sartriano. Que afirma que você está condenado a escolher e não escolher significa que você está escolhendo. O debate girou em torno do questionamento se a turma concordava com a escolha da general em disparar os mísseis na casa atingindo a menina que vendia pães na



esquina para evitar um futuro homem bomba num shopping. A turma se dividiu em a favor e contrária ao ato, cada um apresentou motivos que reafirmaram os debates no filme. Mas todos concordaram quando perguntamos se entendiam que mesmo sem o atentado no shopping uma inocente morreu naquele momento e assim cumpriu-se a missão dos terroristas. Filme trabalhado com a turma do segundo ano do Ensino Médio.

Iremos agora relatar como foi nossa experiência sobre a oficina das heroínas e utilizado a ética de Aristóteles.

Buscando possibilitar uma experiência filosófica centrada na compreensão do estudante do ensino médio e partindo de sua vivência. A metodologia adotada deve ser uma oficina. A oficina tem em sua metodologia enfoque centrado no educando provocando-o a pensar, sentir, agir e, desta forma, saindo da zona de uma aula meramente informativa.

Esta oficina ocorreu durante o PIBID no ano de 2016, na Escola Cidadã Severino Cabral, e foi trabalhada em uma turma mista por estudantes do ensino médio de todos os anos. Utilizamos o texto de Aristóteles como embasamento teórico, a saber a *Ética a Nicômaco*. Sempre que alguma oficina iria acontecer pensávamos antes qual seria a turma alvo da oficina. Ao longo do ano tentávamos trabalhar oficinas com os três anos do ensino médio da escola.

Tendo em sua constituição as seguintes divisões: Apresentação que visa despertar nos participantes a curiosidade para o tema, num segundo momento o desenvolvimento do tema com auxílio de criações artísticas (música, filme, poema etc.), terceiro momento fica com a socialização (aqui teremos trocas de informações e percepções sobre os momentos anteriores) e por fim no último momento temos a produção na oficina que gera um produto produzidos pelos participantes.

Segundo Vieira, Rizotto, Carleto e Gonçalves (2002, p. 8), uma oficina pedagógica deve proporcionar um “espaço de dialogicidade, de criticidade e de criatividade”. Ao final dessa oficina solicitamos como atividade de avaliação a produção de um cordel feito em grupo com a temática Ética e Justiça.

Esta oficina visava discutir como é possível identificar uma conduta baseada em uma ética nas narrativas cinematográficas das histórias populares de heroínas. A motivação é a mesma: as situações de crise exacerbada que demandam uma escolha instantânea de uma heroína servem como um modelo exemplar para os espectadores, cumprindo um papel formativo no caráter daqueles que consomem esse tipo de mídia

(seja em quadrinhos, filmes ou animações). Não por acaso, tratávamos particularmente de heroínas – fenômeno até então maximamente patente na ficção de nossa época, uma vez que cumprem a função de representar a autonomia e a liberdade das mulheres que em raríssimos outros contextos históricos e geográficos podemos encontrar semelhança.

Nesse sentido, os debates da temática feminista presentes na obra “*O Segundo Sexo*”, da filósofa Simone de Beauvoir, serviram como referencial para que pudéssemos construir uma compreensão de como funcionam esses universos fictícios. Como é o caso da personagem “*Mulher Maravilha*” (2017) que, ao ser criada em uma sociedade exclusivamente feminina, não foi submetida à educação patriarcal, educação esta que, como acusa Beauvoir - “Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual [e física]; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa” (BEAUVOIR, 2018, P. 144) -, impõe o modo de ser e se comportar às mulheres de seu (bem como do nosso) tempo. Além disso, é notável, em algumas personagens de narrativas heroicas, a resolução por uma conduta indubitavelmente austera com vistas em um ideal de justiça que defendem de forma tal que se estende mesmo aos seus inimigos.

Nesse ponto, trabalhamos com o texto da *Ética a Nicômaco*, célebre trabalho filosófico em que Aristóteles expôs suas considerações sobre o tema. Diante disso, podemos perceber como algumas atitudes que são quase invariáveis no contexto de narrativas heroicas estão em consonância com a filosofia aristotélica: no que diz respeito à ação das heroínas, fica evidente quando notamos sua preocupação por ações virtuosas, sempre baseadas no bem maior, em uma relação tal que a coletividade submete a individualidade (o que fica evidente em muitas situações em que optam por extremo auto sacrifício em benefício de outros), vale salientar que na ética aristotélica o bem da cidade (pólis) é ontologicamente mais importante que o bem individual.

Por fim, diria Aristóteles, não basta pretender saber o que é virtude e conceituá-la com excelência em discursos impecáveis, é mister praticá-la. Por conseguinte, ao conceder que é inegável o caráter formativo desses modelos exemplares, buscamos também entender como podemos utilizá-los no âmbito pedagógico, posto que são “lugar comum” de interesse de crianças e adolescentes, bem como apresentam, tal qual supra exposto, imensas possibilidades de compreensão relacionáveis ao ensino de Filosofia.

Além da Mulher-Maravilha que já explicamos anteriormente um pouco de sua história e vida, decidimos utilizar a *Tempestade* (2016) (Ororo Munroe) que é a representante do continente africano no universo da Marvel, sendo a primeira heroína negra a ser retratada no cinema. Ela é uma personagem que tem muito poder em suas mãos por controlar o tempo e podendo causar como seu nome relata uma tempestade. Possui fraqueza como qualquer pessoa, pois uma coisa que os criadores e em todo filme fica evidente é que mesmo sendo mutantes as personagens são humanas também e não estão ilesas de seus dilemas. Ela tem claustrofobia (medo de ambientes fechados)<sup>4</sup>.

Algumas perguntas nortearam nossa oficina. Mas será que todas as heroínas carregam os mesmos valores do que é o bom e do que é o bem? As heroínas apresentam características semelhantes? Mesmo com traços de heroísmo semelhante, elas agirão sempre de igual maneira? Será que existem somente heroínas sempre boazinhas e certinhas durante o tempo todo, como a Mulher-Maravilha? E, nós? Somos todos iguais? Agimos sempre de forma igual? Então as heroínas, será que elas podem ser como a gente que, conforme o problema ou a pessoa em questão, acabamos agindo de forma diferente? Vocês acham que o ambiente de criação (e a cultura) influencia na personalidade da heroína? (Mulher-Maravilha educada com as leis rígidas de seu povo, as amazonas, e que cresceu em meio a batalhas).

Ao término da oficina tivemos o debate sobre a responsabilidade de cada heroína em ter poderes e não usar eles de forma como bem quiserem. A turma começou apresentando como seria se eles tivessem poderes, se usariam com preceitos éticos ou não. As meninas gostaram da temática heroínas, pois sempre são mais trabalhados em sala de aula os heróis e com isso elas se identificavam com algumas heroínas apresentadas pelo grupo de bolsistas, mas também aceitamos que elas falassem sobre outras, sobre vilãs.

---

<sup>4</sup> Jean Grey (2016), possui telecinese, telepatia, tendo que respeitar e não ler os pensamentos alheios. Ela também é classificada como o coração da equipe dos X-man e ao longo da franquia de filmes ela torna-se uma entidade cósmica que tem poderes além de qualquer mutante na Terra, a Fênix Negra. Que sempre em seus momentos finais faz a viagem de Ícaro e vai ao encontro do sol para ter seu fim. Ravena é uma anti-heroína da DC que busca controlar seus poderes por eles terem uma ligação com seu pai que é um demônio e isso faz com ele possa se aproveitar dessa proximidade para abrir uma passagem. Para impedir isso ela busca suprimir seu medo, mas em um momento ela aprende que ter medo pode significar que basta racionalizar o que vê, já que ela teme as criaturas das trevas que habita seu subconsciente e para vencer ela os enfrenta e revida utilizando seus poderes que são equivalentes à de seu pai.

Filme trabalhado durante o Residência Pedagógica na Escola Cidadã Raul Córdula. Com a utilização do filme *“Divertida Mente”* (2015).

O filme fala sobre a construção do “eu” na sociedade e dentro da família, além da importância de tomar nossas decisões como a personagem do filme faz, apresentando ao público suas emoções e interagindo entre si num painel de controle que seria nossa mente. Com essas emoções notamos o surgimento do senso de responsabilidade e caráter da personagem do filme. E a construção socioeducativa que toda criança tem em sua família como base para uma vida adulta.

Riley é a personagem central desse filme e acompanhamos seus passos do nascimento, até a adolescência. Toda emoção forte cria uma lembrança que é guardada em estantes do seu cérebro. Na sala de comandos, logo no começo do filme, vemos uma disputa entre a Alegria e a Tristeza para ver quem deve comandar. Um fato acontece na vida da personagem que é a mudança de cidade, com isso vemos uma lembrança forte se formando sob o comando da Alegria, que seria o otimismo que a nova cidade teria um universo de coisas novas. Porém, quando a lembrança chega à sala de comando, a Tristeza toca na esfera e com isso vemos a inversão da energia, a lembrança se torna triste pela vida que ela não vai ter na sua antiga cidade.

Além da Alegria e Tristeza, temos Nojinho, Medo e a Raiva, todas elas são fundamentais para formação da Riley e um fato pertinente: todas as emoções são masculinas e femininas. No filme veremos que os pais da garota têm suas emoções trabalhando e na mente dele vemos apenas um gênero em cada um deles, mostrando que o filme já subentende que a Riley pode ter um gênero distinto ao que nasceu, por isso não tem emoções de relação com seu gênero de nascimento.

Cada sentimento vai além de apenas expressar o que o nome dele representa, por exemplo a Tristeza ela pode ter em sua síntese insegurança, sabedoria, sensibilidade. A Raiva pode ser agressividade, senso de justiça e seriedade. A Nojinho pode ser causadora do senso de autopreservação e o Medo pode ser ansiedade, preocupação, insegurança.

Com a união de todas as emoções vemos que se formam ilhas de emoções, no filme vemos ilha de personalidade, ilha do hockey, ilha da bobeira, ilha da amizade, ilha da honestidade e ilha da família. Elas se formam quando uma “memória base” é

adicionada ao catálogo de emoções, e essas memórias bases se formam em algum momento importante da vida de Riley.

Apresentando as emoções buscávamos que a turma conseguisse compreender melhor o que formava a personalidade. E com isso queríamos estimular o respeito, a empatia que eles deveriam ter, além de perceber que as emoções fazem parte de nossa vida, mas nós que controlamos os impulsos que elas provocam. Sobre emoções podemos nos remeter ao Aristóteles que define emoções de quatro formas distintas na *Metafísica*, para uma melhor compreensão vejamos as possibilidades dadas pelo pensador:

Afecções significam, em um primeiro sentido, uma qualidade segundo a qual algo pode se alterar: por exemplo, o branco e o preto, o doce e o amargo, o peso e a leveza e todas as qualidades deste tipo. Noutra sentido, afecção significa a atuação dessas alterações, isto é, as alterações que estão em ato. Ademais, dizem-se afecções especialmente as alterações e mudanças danosas e, sobretudo, os danos que produzem dor. Enfim, chamam-se afecções as grandes calamidades e as grandes dores (*Met. Δ 1022b15-21*).

No próximo tópico iremos apresentar como podemos utilizar alguns outros filmes em sala de aula.

### **3.3 Sugestões de como podemos trabalhar com os filmes numa aula de Filosofia**

Quando começamos a pensar de que forma podemos utilizar na sala um filme como ferramenta metodológica, partimos primeiramente escolhendo o tema que deveria ser e os objetivos da aula interessantes e pertinentes ao conteúdo que está sendo trabalhado durante as aulas de filosofia, sempre entendendo que cada turma é única, portanto, o mesmo filme pode ter reações diversificadas. Não existe uma receita moldada que diga passo a passo como serão essas reações e pode existir a possibilidade de o mesmo filme gerar um experimento incrível em uma turma e em outra ele causar apatia. O professor é apenas um guia do barco nesse rio que é a turma, ele tem que conhecer cada pedra que existe no percurso.

Para tal feito coloque-se uma pergunta chave que deve ser respondida durante o filme, pode ser colocada em um cartaz com poster do filme ou colocada no quadro no momento do cinema na escola. O importante é que essa pergunta guie os estudantes durante o filme e reforce a pergunta nos momentos cruciais.

Por exemplo, para tratar de temas como a liberdade, escolhas e humanidade podemos usar alguns filmes, para começo de conversa seriam eles: “*Mogli: O Menino Lobo*”<sup>5</sup> (2016), “*A Lenda de Tarzan*” (2016) e “*Decisão de Risco*” (2015). Tem três filmes excelentes com um elenco brilhante e uma temática curiosa para ser trabalhada combinada com essas películas.

Se a escolha for por *Mogli* trabalharemos como é formada a humanidade de um menino que foi criado por uma alcateia e como é conhecida a maldade humana segundo a visão dos outros animais, além da própria escolha que a personagem faz durante o filme em ir morar com seres humanos ou continuar como um lobo. E existem dois casos reais de pessoas que tiveram uma experiência semelhante à do *Mogli*<sup>6</sup>.

*Mogli* (Neel Sethi) já traz em si uma mensagem universal, de que somos parte do nosso planeta, mesmo que o ser humano sinta-se no direito de dominar as outras espécies, ele é mais uma entre tantas e deve entender que cumpre uma função no ciclo da vida. Quando apresenta um menino sendo adotado por uma loba, mostra que família não é apenas um código genético, a loba Raksha cria o *Mogli* como parte da alcateia, os outros animais entendem que existe um humano entre eles, porém ele não sabe o que é o humano.

O filme mostra que o olho d’água seco e nesse momento surge o vilão que é o Shere Khan, um tigre, e ele quer ter o controle sob a água, quando vê o menino lobo ele avisa que os animais da selva devem odiar ele por ser “filhote humano”, Akela o lobo alfa da alcateia diz que *Mogli* é da família e Shere Khan pergunta “desde quando adotamos um humano na selva?”.

Podemos ver em *Mogli* e sua ligação com a floresta e todos os animais que ali habitam, algo do que Jean-Jacques Rousseau quis dizer com sua célebre frase: “O homem nasce bom e a sociedade o corrompe”, podemos perceber que é através da história que o objetivo do homem em lesar o outro que gera esse mau humano, o homem primitivo (*Mogli*, *Tarzan*) eram bons porque viviam em um estado de natureza. Teria como o homem que vive em sociedade ser bom? Assim Rousseau propõe a

---

<sup>5</sup> O filme existe em animação e ato real (live action) recentemente tivemos duas produções a da Disney que mencionamos acima e outra da Netflix “*Mogli: Entre Dois Mundos*” (2018), não importa qual seja a escolha ambos percorrem o mesmo caminho do menino criado por lobos e sentido que pertence àquele mundo. No meu exemplo vou me focar na produção de Disney.

<sup>6</sup> Marcos Rodríguez Pantoja, que conviveu com lobos na Serra Morena, em Córdoba. O menino selvagem de Aveyron que foi chamado de Victor (1788 a 1828) que foi adotado pelo educador francês Jean Marc Gaspard Itard (1774 a 1838).

solução com base na política no livro Contrato Social e para ter a também baseada na pedagogia temos a obra o Emílio.

Até conhecer Shere Khan o menino lobo não sabia o que era maldade, até conhecer a dor dele causada pelos homens com o fogo, ele nunca pensaria em roubar o fogo dos humanos e usar o fogo para atacar o tigre. Mogli vivia de acordo com a música que aprendeu com seu amigo urso "Necessário, somente o necessário. O extraordinário é demais".

Em Mogli vemos mais um ensinamento que é o respeito para com a Natureza e toda sua sabedoria, como a cena de reverenciar os elefantes que seriam os espíritos da selva, Mogli mostra que respeita a imponência desses animais e apresenta ao público um vínculo baseado na harmonia com o meio ambiente, algo tão urgente e necessário para nossos dias atuais. O menino lobo busca utilizar seu intelecto para auxiliá-lo em corridas com os lobos, pulando pelas árvores, cipós e tudo mais que ele puder para se destacar na corrida e mostrar seu empenho em fazer parte da alcateia, ele entende que não é um lobo, como dizem no filme: "Não tem pelos, garras ou dentes afiados", restou a sua humanidade e racionalidade que ele não renega elas em nenhum momento do filme, e vemos ele sentir fazer parte do meio quando no juramento máximo ele repete juntamente com todos os lobos: "A força da alcateia é o lobo".

Caso o filme utilizado seja "*A lenda de Tarzan*" (2016), basicamente mesma simbologia que Mogli, só que agora criado por gorilas e um detalhe a mais nesse filme ele já foi encontrado na selva e tem seu retorno para a cidade, onde "esquece" sua vida na selva e renega o que viveu na África, agora ele é um lorde e uma viagem de retorno a África aparece em seu caminho, onde ele irá confrontar seu passado e entender quem ele realmente é.

Buscando ser aceito na alta sociedade, Tarzan (Alexander Skarsgard), torna-se um aristocrata, e essa viagem ao seu eu antigo lar traz um passado que ele nega agora. Mas para Jane (Margot Robbie) essa seria uma experiência fundamental, pois ela não o vê feliz vivendo em sociedade. Os motivos do retorno ao continente africano estão ligados ao desejo da Bélgica em legitimar sua dominação no Congo.

Mas tem uma armadilha para Tarzan que será entregue ao chefe Mbonga (Djimon Hounsou) em troca dele dizer onde estão os diamantes, o desejo do chefe é movido pela vingança da morte de seu filho. Agora Tarzan retorna com outro nome o de batismo europeu John Clayton III, o Lorde Greystoke e Jane Porter vale ressaltar a

mais destemidas de todas, ela rompe com o papel frágil e sensível das outras mulheres vividas anteriormente no cinema. Destacamos aqui a presença dessa Jane forte, dona de si que não é apenas salva por Tarzan ela é parte fundamental da história do filme e decisiva nos momentos finais para o desfecho do enredo.

Nossa proposta é utilizar esse filme trabalhando a personagem Jane e sua força, inteligência e coragem, deixando de lado o papel da mocinha frágil e indefesa que é mostrado em outros filmes da franquia. Bem como buscar apresentar uma crítica à visão que o cinema tem do continente africano, trabalhar essa questão juntamente com História e Geografia, baseados na lei 11.645/2008 que torna obrigatório a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Devemos refletir sobre esse filme (e qualquer outro) com uma visão sobre a África. Destacando a fala do professor Kabegele Munanga que diz: "a visão da África subsaariana na historiografia colonial deixou imagens estereotipadas que resistem até hoje no imaginário coletivo das populações contemporâneas, imagens estas popularizadas nos clichês dos filmes de Tarzan" (MUNANGA, 2012, p. 11).

O filme "*Decisão de Risco*" (2015), cujo tema fala sobre uma ação militar que estava à procura de terroristas no Quênia, onde estão à procura de terroristas que se converteram à religião islâmica e agora lutam contra seu país de origem. Em um determinado momento, vemos que o encontro desses terroristas, na verdade, é um momento para que eles gravem sua mensagem final de um vídeo, antes do sacrifício. Onde temos, além deles, dois homens bombas prontos para atacar algum shopping ou local populoso determinado pelos líderes. Aquela situação faz a equipe do exército começar os protocolos para dispararem o míssil Hellfire, e destruir a casa que está tendo essa reunião, já que não podem entrar e prender eles, pois o bairro é dominado por um grupo de milícia armada.

Tudo até agora dentro do normal se não fosse uma personagem que ganha o público, uma menina que vende pães ao lado dessa casa, onde está sendo realizada a missão suicida, nesse momento surge o debate chave do filme e ponto de partida para nossa discussão, atacar os terroristas ou deixar eles saírem da casa? Lembrando que a menina pode ser atingida por destroços do ataque dos mísseis que estão em um drone sobrevoando o local.



Essa pergunta deve ser feita a todos estudantes, convidar eles a sentir-se como as personagens do filme e debater o valor da vida e qual delas deve ser poupada. Se não atacar os terroristas, eles podem ir a um shopping e matar um número grande de pessoas ou devemos atacar e acertar a menina.

No momento em que começa o debate se devemos ou não atacar com os mísseis, podemos notar que a vida política (senadores, primeiro-ministro) enfrenta de frente as escolhas do exército. Além de que para surpresa dos telespectadores o soldado escolhido para apertar o botão também entra nesse impasse solicitando que a vida da menina seja preservada. E que façam novos cálculos para poder salvar.

Aqui o professor pode pausar o filme e levantar o desejo da turma nesse momento, dividir a sala em quem defende o ataque e quem é contra ele. A todo momento do filme surge um debate ético de quem será o culpado pela morte e quem sairá vitorioso nesse momento, os políticos europeus querendo fugir da responsabilidade de disparar o míssil, os políticos dos Estados Unidos são frios e dizem para disparar que a Casa Branca apoia o ato, a coronel Katherine Powell, brilhantemente interpretada pela atriz Helen Mirren, está querendo atacar logo, mas o piloto que solicita que seja resguardada a vida da menina queniana entra no filme com a missão de realizar o sonho dos espectadores que também querem salvar ela, sendo assim feita uma luta de pontos de vista sobre quanto vale uma vida.

Ao término do filme geramos uma aula na semana com um debate sobre o valor da vida humana e o que deveria ter sido feito para salvar alguém. Com essa pergunta e com base no poder de nossas escolhas e como elas acarretam dilemas para nossas vida, começamos a trabalhar um pouco do existencialismo que fala da importância de não deixar que ninguém escolha por nós, que sejamos mais ativos na nossa vida, o piloto, na hora de apertar o botão, faz a escolha de buscar salvar a vida mesmo arriscando sofrer consequências futuras no seu emprego, a coronel decide escolhe eliminar os terroristas, os políticos escolhem como é que deve ser sua imagem diante das câmeras de televisão quando forem questionados sobre o ataque.

E nossos alunos escolheram como fazer nesse momento, sendo na sua maioria a favor do ataque, já que ele evitaria outro ataque num local mais populoso. Mas fica a lição de moral na fala de uma personagem do filme que disse: “Não importa como, hoje os terroristas mataram uma vida inocente”, se referindo a vida da menina que estava ali só querendo ganhar seu dinheiro e garantir um pouco mais de dignidade na vida de sua família.

Para dialogar com esse filme, sugerimos trabalhar o tema com Guy Debord e Comentários sobre a sociedade do espetáculo (1997a). O autor destaca que, tendo como base a ideologia democrática, é fundamental para ela que se crie um inimigo. Deboard analisa que durante a Guerra Fria (1949 – 1989), era fácil identificar o inimigo norte americano, era o comunismo, mas ao longo dos anos a potência mundial que os Estados Unidos se tornaram criou um inimigo e esse é multifacetado: o terrorismo. Sendo assim, vemos como no filme Decisão de Risco o resultado (a morte da menina) deve ser ignorado e o que fica é o que aconteceu com o inimigo do Estado (os terroristas). O Deboard apresenta o que resta para a população saber sobre o terrorismo:

As populações espectadoras não podem certamente saber tudo sobre o terrorismo, mas podem sempre saber a esse respeito o suficiente para serem persuadidas de que, comparado ao terrorismo, tudo o resto deverá parecer-lhes mais aceitável, em todo o caso mais racional e mais democrático (DEBORD, 1997a, p.165)

Nosso próximo filme já foi apresentado com maiores detalhes nesse capítulo no tópico 3.2. Ele terá como tema a luta pela igualdade de gêneros: diferenças sexuais e igualdade sexual na perspectiva de Simone de Beauvoir. Entendendo que existe um desafio a ser superado pelas mulheres, já que a sociedade misógina busca determinar posições sociais que elas “podem” ocupar.

A ideia de igualdade, princípio moral dominante, se mostra insuficiente em um contexto no qual a mulher parece não ter escolha, e, no entanto, luta para se afirmar enquanto indivíduo. Este conceito de igualdade está presente no filme "As Sufragistas", e buscaremos, nessa aula, discutirmos a importância da mulher na sociedade atual. Importância essa que a História passou por cima diversas vezes.

Logo após exibição do filme começaremos um debate contextualizando historicamente as conquistas das mulheres ao longo do século passado. E utilizaremos as datas apresentadas antes dos créditos finais que apresenta o ano que cada país liberou o voto feminino. Com essa problemática podemos questionar se a turma acredita que os direitos das mulheres estão garantidos ou podem ser revogados a qualquer momento, como diz a filósofa francesa:

Não somos mais como nossas predecessoras: combatentes. De maneira global ganhamos a partida, mas a mesma autora alertou que a luta ainda estava no começo. Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. (BEAUVOIR, 1949, p. 29)

Com as indicações de filmes que fizemos nesse trabalho, queremos mostrar que podemos explorar conceitos-imagens de filmes comerciais, eles são os que nossas turmas mais têm acesso, seja pela televisão, internet ou canal pago. Apresentamos alguns conceitos-imagens que percebemos nos filmes, porém isso não esgota o que eles têm a oferecer, tudo aqui foi uma sugestão de como podemos utilizar em sala de aula de filosofia.

Ao longo de quatro anos exercendo a função de bolsista e de estagiário utilizando filmes no ensino de filosofia, em específico os que debatem questões de gênero, que a escolha foi feita de forma aleatória, não tínhamos pretensão de focar nessa temática, o que causou essas escolhas foram os temas que chamavam atenção das turmas na época de exibição de cada filme, as problemáticas que as turmas gostariam que fosse exposta. E isso prepara qualquer licenciando para assumir uma escola em breve, pois quando pensamos em ensino de filosofia, já imaginamos muitos debates. Não existe aula de filosofia em silêncio, ela deve provocar e estimular a fala de toda turma e quando inserimos questões de gênero e cinema, onde o cinema convida e provoca nossa sensibilidade é uma união perfeita para qualquer ensino de filosofia. Não temos arrependimentos em utilizar esse recurso do cinema, só vontade de usar mais e as questões de gênero merecem e devem ser trabalhadas em sala, esperamos que em breve exista naturalidade com essa temática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos como é possível no Ensino Médio utilizar o cinema como meio de problematizar questões de gênero e assim contribuir para o ensino de filosofia. Através do uso de filmes conseguimos obter, segundo Cabrera, uma experiência estética e reflexiva por meio de imagens que permitem a quem estiver assistindo vivenciá-las.

Nem sempre o filme terá como intenção problematizar questões importantes para filosofia, pelo fato que não é o filme que é filosófico, o nosso olhar que o torna. Com isso vemos que o cinema é uma força que impulsiona nosso pensamento para criar uma reflexão e nesse momento podemos dizer que estamos no caminho do filosofar, a partir do conceito-imagem que Cabrera denomina como a ação do logopático. Vale lembrar que o conceito-imagem pode estar em algumas cenas dos filmes ou no filme como um todo.

As questões de gênero estão presentes em nossas vidas e principalmente na História da Filosofia. Como vimos Beauvoir apresentar, a mulher foi apagada da linha do tempo por diversos pensadores. Eles buscavam garantir que a mulher só deve ser definida a partir do homem. Essa construção homem e mulher é algo que vem sendo transmitido nos espaços sociais e possui significados culturais que ditam como cada um deve se portar, é nesse eixo de debate que utilizamos a Butler. Segundo ela, existe uma performance social e cultural que define o gênero, porém o gênero para ela é algo fluido, que não pode haver uma definição única para ele já que ele pode se modificar com o tempo.

Com a filosofia podemos buscar desconstruir e desnaturalizar esses papéis de gênero impostos pela sociedade, visando sempre buscar uma maior diversidade de debates nas escolas com essa temática em foco. Pois, na sociedade que vivemos existe uma pluralidade e devemos garantir o respeito às diferenças e singularidades de cada sujeito. Por exemplo, quando analisamos os livros didáticos, vemos que pouco é explorado neles e isso cabe a(o) professora(or) modificar, buscando fora deles o cinema entre outros recursos metodológicos para trabalhar em sua aula de Filosofia e com isso tornar esse tema polêmico algo cotidiano.

Ao longo dos Estágios Supervisionados pudemos aprender bastante observando como era a utilização dos filmes em sala de aula de Filosofia, a forma correta de pausar em determinado momento do filme para que a turma note um

destaque especial na próxima cena, buscar filmes que possam ter conceito-imagem que se relacionem com o conteúdo trabalhado anteriormente para evitar que a turma não entenda a proposta do filme. Depois desses passos observados ficou evidente que poderíamos melhorar nossas metodologias utilizando o cinema também em sala de aula para o momento da regência exigido na disciplina de estágio. E o cinema pode evidenciar melhor problemas relacionados as questões de gênero, por explicitar os preconceitos, apresentar como eram vistas as mulheres ao longo da história, as lutas que enfrentaram, tudo isso proporciona uma melhor aprendizagem com o uso do cinema.

Tiveram momentos de dificuldades enfrentados no estágio, seja a percepção de que apenas uma aula semanal complica o uso do cinema de forma mais efetiva, com isso temos que adaptar o filme que será utilizado, outro desafio foi aprender como se portar e ter controle de sala, nesse quesito aprendemos a olhar cada movimento que a sala faz, seja ele em direção ao conteúdo trabalhado ou apenas uma piada solta sem motivo algum. Como lidar com isso não está nos livros ou em aulas da Universidade, apenas na prática que aprendemos o que fazer e como seguir com a aula sem que aquilo atrapalhe.

Após ter realizado a regência da aula no estágio percebe-se que a experiência obtida também vem auxiliar uma melhor atuação nos Programas PIBID e Residência Pedagógica. No PIBID existem tantas abordagens que podemos fazer com oficinas, Semirregências e com o Corujão Filosófico, tudo sempre ampliando nossa capacidade de entender melhor o funcionamento de uma sala de aula de Filosofia. Testando o Corujão Filosófico por três anos ficamos com a aprendizagem de como entender a dinâmica que a turma deseja que seja feita, pois se a dinâmica for oposta ao que a turma gosta ocorrerá uma rejeição imediata ao filme. Assim antes de tudo devemos estimular a curiosidade da turma para assistir esse filme, usando a tática do cinema com cartazes, perguntas feitas dentro desses cartazes também são interessantes. Com isso no Programa do Residência Pedagógica quando fomos aplicar a utilização do cinema já estávamos preparados para qualquer eventualidade.

Em todas as apresentações do Corujão Filosófico obtivemos êxitos. Sempre tínhamos uma produção de algum material ao final do filme, por exemplo um cordel sobre a violência ou desvalorização da mulher, uma exposição sobre emoções e como lidamos com nossos corpos atualmente, criação de um vídeo expondo como gostariam que fosse as relações de gênero. Percebemos que quando utilizávamos o

cinema, a turma tinha uma melhor compreensão e entravam na dinâmica do filosofar, foram momentos de aproveitamento total de aula, de conteúdo e de interação, até quem era tímido na sala começava a expor e defender seu ponto de vista.

A aprendizagem que fica é que cabe à(o) professora(or) buscar a melhor forma de executar uma aula de filosofia de forma que consiga proporcionar que a sala caminhe junto. Seja utilizando cinema, imagens, poemas, livro didático, devemos buscar adaptar qualquer que seja o recurso didático. Ele nunca virá pronto para o uso e quem está na frente da sala de aula de filosofia é quem deve ter a sensibilidade de entender quais desafios a sala tem que superar para conseguir filosofar.

Para concluir, desejamos que esse trabalho possa ajudar numa melhor compreensão dos desafios e conquistas no Ensino de Filosofia, utilizando o cinema para trabalhar questões de gênero, um assunto delicado que precisa ser debatido em sala de aula e principalmente na disciplina que propõe o pensamento racional e ético como resultado.

## REFERÊNCIAS

A LENDA de Tarzan. Direção: David Yates. EUA: Warner Bros, 2016. Disponível em: Netflix. Acesso em: 31 jan. 2022.

Abreu. Luís. Em boicote à premiação, astro de “Round 6” anuncia que não irá ao Globo de Ouro. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/em-boicote-a-premiacao-astro-de-round-6-anuncia-que-nao-ira-ao-globo-de-ouro/>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Alessandro. Rafael. A desigualdade de gênero no cinema. **Avmakers**, 2017. Disponível em: <<https://www.avmakers.com.br/blog/a-desigualdade-de-genero-no-cinema>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

Araújo. Matheus. Desigualdade de gênero também é realidade no audiovisual brasileiro. **Escotilha**, 2018. Disponível em: <[https://escotilha.com.br/cinema-tv/central-de-cinema/desigualdade-de-genero-cinema-brasileiro/?utm\\_source=rss&utm\\_medium=rss&utm\\_campaign=desigualdade-de-genero-cinema-brasileiro](https://escotilha.com.br/cinema-tv/central-de-cinema/desigualdade-de-genero-cinema-brasileiro/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=desigualdade-de-genero-cinema-brasileiro)>. Acesso em: 26 jan. 2022.

AS SUFRAGISTAS. Direção: Sarah Gavron. Produção: Alison Owen, Faye Ward. Reino Unido: Universal Pictures, 2015, 22:33. (106 min). Colorido. Título original: Suffragette. Disponível em: Star+. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o ensino médio. Volume 3 – Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. / Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

CABRERA, J. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CALDERANO. **Docência compartilhada: contextos e viabilidade prática**. Memorial de Maria da Assunção Calderano defendido na Banca visando Promoção na carreira - Professor Titular. Universidade Federal de Juiz de Fora, agosto/2016.

CANDIDO, M. R.; CAMPOS, L. A.; FERES JÚNIOR, J.; EURISTENES, P.. GÊNERO E RAÇA NO CINEMA BRASILEIRO. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ONLINE)**, v. 36, p. 1-21, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/YNhtmqLxsbJDK5pspvV35gD/?lang=pt>>. Acesso em: 26 jan. 2022.

DEBORD, G. **Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. In: DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997a.

DECISÃO DE RISCO. Direção: Gavin Hood. Produção: Ged Doherty, Colin Firth, David Lancaster. Paris Filmes. Disponível em: Amazon Prime. Acesso em: 15 jan. 2022.

EIBEL, Kelem Daiane. **Desconstrução da cultura machista como pressuposto para efetivar a prevenção da violência contra a mulher: um olhar da rede de enfrentamento de Lajeado/RS. 2021**. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 15 jul. 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/3137>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

ETERNOS. Direção: Chloé Zhao. Produção: Kevin Feige. DiEUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2021. Disponível em: Disney+. Acesso em: 14 jan. 2022.

Evaristo. Beatriz. Dia da Mulher-Maravilha: Primeiro HQ da heroína completa 80 anos. **Rádio Nacional**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2021-10/dia-da-mulher-maravilha-primeiro-hq-da-heroína-completa-80-anos>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia**, (Um livro para professores) / Sílvio Gallo e Renata Lima Aspis, Ed. Atta, 1ª edição, São Paulo, 2009.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o Ensino Médio**. Campinas. Papyrus Editora, 2012.

Gianoliaq. Giulia. Luca: filme da Pixar dá aula de inclusão. **Guia do estudante**, 2021. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/luca-filme-da-pixar-da-aula-de-inclusao/>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

Guglielmelli, Alexandre. Luca é um filme LGBTQ, apesar do que a Pixar diz; veja por quê. **Observatório do cinema**, 2021. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2021/06/luca-e-um-filme-lgbtq-apesar-do-que-a-pixar-diz-veja-por-que>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Linhas fundamentais da filosofia do direito, ou direito natural e ciência do Estado em compêndio. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

HONNETH, Axel. O direito da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2015a.

Jessica Chastain denuncia os escândalos sexuais em Hollywood. **Correio do Povo**, 2017. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/artesagenda/jessica-chastain-denuncia-os-escândalos-sexuais-em-hollywood-1.246293>>. Acesso em: 26 jan 2022.

KAPLAN, Ann. **A Mulher e o Cinema: Os Dois Lados da Câmera**. Trad. Helen Márcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LUCA. Direção: Enrico Casarosa. Produção: Andrea Warren. EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2021. Disponível em: Disney+. Acesso em: 8 jan. 2022.

MACIEL, Rodrigo Lima. A mutação como metáfora para o discurso da diferença: representações das práticas de racismo e de homofobia no universo literário dos XMen. **INTERthesis**, v. 16, n. 01, p. 56–72, 2019.

MOANA – Um mar de Aventuras. Direção: Ron Clements, John Musker. Walt Disney Pictures, 2017. Disponível em: Disney+. Acesso em: 11 dez. 2021.

MOGLI - O Menino Lobo. Direção: Jon Favreau. Walt Disney Pictures, 2016. Disponível em: Disney+. Acesso em: 11 jan. 2022.

MULHER Maravilha. Direção: Patty Jenkins. Produção: Charles Roven. EUA: Warner Bros., 2017. Disponível em: HBO MAX. Acesso em: 20 dez. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: Histórias, línguas, culturas e civilizações. 3 a. Ed. São Paulo: Gaudí, 2012.

O DIABO Veste Prada. Direção: David Frankel. Produção: Wendy Finerman. EUA: 20th Century Fox, 2006. Disponível em: Star+. Acesso em: 17 jan. 2022.

O Globo de Ouro e a vergonha da igualdade de gênero em Hollywood. **O tempo**, 2018. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/diversao/o-globo-de-ouro-e-a-vergonha-da-igualdade-de-genero-em-hollywood-1.1559674>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

Oscar faz história com diversidade: a ascensão das minorias. **MSN**, 2021. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/cinema/noticias/oscar-faz-historia-com-diversidade-a-ascensao-das-minorias/ss-BB1g3uJh?li=AAggXC1#image=23>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

PALMER. Direção: Fisher Stevens. Produção: Charlie Corwin, Sidney Kimmel, Daniel Nadler, John Penotti, Charles B. Wessler. EUA: Apple TV+, 2021. Disponível em: Apple TV+. Acesso em: 6 jan. 2022.

PARAÍBA, Governo da. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino**. 2016 a.

PARAÍBA, Governo da. Secretaria de Estado da Educação. **Lei nº 11.100/18** que cria o Programa de Educação Integral na Paraíba Diário Oficial do Estado da Paraíba, João Pessoa - PB, 09 de fevereiro de 2018.

PARAÍBA, Governo da. Secretaria de Estado da Educação. **Plano de Ação das Escolas Cidadãs Integrais**. 2017.

PARAÍBA, Governo da. Secretaria de Estado da Educação. **Plano Estadual da Paraíba (2015-2025)**. 2015.

Pécora. Luísa. Stacy L. Smith sobre inclusão em Hollywood: “É tempo de otimismo e de manter pressão”. **Mulher no cinema**, 2019. Disponível em: <<https://mulhernocinema.com/especiais/dados-sobre-a-mulher-em-hollywood-avancam-em-2019-e-tempo-de-otimismo-e-de-manter-a-pressao/>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

Presse. Franco. GLOBO DE OURO ‘ESQUECE’ DIRETORA APÓS BOM ANO PARA CINEASTAS. **G1**, 2018 Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-de-ouro-esquece-diretoras-apos-bom-ano-para-cineastas-mulheres.ghtml>> Acesso em 10 jan. 2022.

SOUZA, Maria de Fátima Pires Raposo de Matos; NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes do. CINEMA NO ENSINO DE FILOSOFIA: A FILOSOFIA PENSADA E SENTIDA NA PELE. **Revista Dialectus**: Dossiê Ensino de Filosofia, Fortaleza, ano 9, v. 20, p. 1 - 237, 2020.

STEINEM, Gloria. **Revista Ms**. 1972.

TAVEIRA. Nefferson. ‘Os Eternos’: Ator afirma estar orgulhoso em fazer parte do primeiro casal gay da Marvel. **Cine pop**, 2021. Disponível em: <<https://cinpop.com.br/os-eternos-ator-afirma-estar-orgulhoso-em-fazer-parte-do-primeiro-casal-gay-da-marvel-281011/>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VIEIRA, A. M.; RIZOTTO, D. C.; CARLETO, E. A.; GONÇALVES, S. A. S. Oficinas Pedagógicas: uma estratégia para o trabalho interdisciplinar. **Jornal do PROCAP – Fase Escola Sagarana**, ago. 2002. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, 2002. Coluna de fundamentos, p. 8.

WANDERLEY, Natália Lopes. **O que porra é cinema de mulher?**: A mostra de cinema de mulher e o desvelar do machismo no audiovisual pernambucano. Orientador: Nina Velasco e Cruz. 2017. 133 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Zornosa. Laura. Em 'Luca', deficiência de personagem não o define. **Terra**, 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/cinema/em-luca-deficiencia-de-personagem-nao-o-define,87bc2964beb2ded624b0678fdd762526rstrn7hg.html>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

## ANEXOS

Planos de aulas utilizados na regência:

### PLANO DE AULA PRIMEIRA REGÊNCIA.

#### ANO DO ENSINO MÉDIO

2º ano

#### TEMA DA AULA

Pensamento Pré-Filosófico

#### ÁREA DA FILOSOFIA

História da Filosofia Antiga

#### PROBLEMA FILOSÓFICO

De que forma a filosofia rompe com o senso comum?

#### CONCEITO FILOSÓFICO

A contribuição da Alegoria da Caverna de Platão na construção do pensamento filosófico.

#### OBJETIVOS

Identificar como obtemos conhecimento através da utilização da alegoria de Platão, aplicando ele ao cotidiano do estudante, construindo esse conhecimento com o quadrinho e o trecho do filme.

Buscar demonstrar como a filosofia auxilia nesse percurso do senso comum ao pensamento lógico.

#### RECURSOS

Trecho do Filme “Os Croods”, Xerox do Texto, Pincel, Quadro, Data Show, Notebook, história em quadrinhos.

## METODOLOGIA

A aula apresentara a Alegoria da caverna de Platão com auxílio do texto do livro didático, logo em seguida teremos a exibição do filme “Os Croods”, que será transformado em um curta para maximizar o tempo da aula, em outro momento acontecerá a entrega do quadrinho de Mauricio de Souza, criador da Turma da Monica que trata sobre o tema da aula em uma de suas produções.

## EXERCÍCIO AVALIATIVO

Solicitar que os estudantes produzam um texto que relate uma caverna que eles conhecem no seu cotidiano, esse relato pode ser fotografia, imagem, texto dissertativo, poema.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução a Filosofia. Ed. Moderna. P. 118-119.

CROODS os. Direção: Chris Sanders, Kirk DeMicco. California: 20th Century Fox, 2013 [produção]. 1 filme (98 min), NTSC, color. Título original: The Croods.

Quadrinhos: Maurício de Souza Produções, 2002.

## PLANO DE AULA SEGUNDA REGÊNCIA.

### ANO DO ENSINO MÉDIO

2º ano

### TEMA DA AULA

Pensamento Pré-Filosófico

### ÁREA DA FILOSOFIA

História da Filosofia Antiga

### PROBLEMA FILOSÓFICO

De que forma a filosofia rompe com o senso comum?

### CONCEITO FILOSÓFICO

A contribuição do pensamento platônico na construção do pensamento filosófico.

### OBJETIVOS

Identificar como obtemos conhecimento através da utilização da alegoria de Platão, aplicando ele ao cotidiano do estudante, construindo esse conhecimento e o trecho do filme.

Buscar demonstrar como a filosofia auxilia nesse percurso do senso comum ao pensamento lógico.

### RECURSOS

Trecho do Filme "A Ilha", Xerox do Texto, Pincel, Quadro, Data Show, Notebook

## METODOLOGIA

A aula apresentara as formas de pensamento de Platão com auxílio do texto do livro didático, logo em seguida teremos a exibição do filme “Os Croods”, que será transformado em um curta para maximizar o tempo da aula, em outro momento aconteceu a entrega do quadrinho de Mauricio de Souza, criador da Turma da Monica que trata sobre o tema da aula em uma de suas produções.

## EXERCÍCIO AVALIATIVO

Solicitar que os estudantes produzam um texto que relate uma caverna que eles conhecem no seu cotidiano, esse relato pode ser fotografia, imagem, texto dissertativo, poema.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução a Filosofia.

Ed. Moderna. P. 118-119.

CROODS os. Direção: Chris Sanders, Kirk DeMicco. California: 20th Century Fox, 2013 [produção]. 1 filme (98 min), NTSC, color. Título original: The Croods.

Quadrinhos: Maurício de Souza Produções, 2002.

MTMUSICO APRESENTA **AS SOMBRAS DA VIDA** COM PITEZ







## **Detalhamentos dos filmes utilizados nas oficinas durante o PIBID e Residência Pedagógica.**

### **As Sufragistas**

No filme “*As Sufragistas*” é apresentado a luta das mulheres pelos seus direitos ao voto e melhores condições de empregos na Inglaterra de 1900. O filme que mostra a luta da mulher para conquistar o direito ao voto e assim tornar-se cidadã e ter o poder de escolha em suas mãos também. Ambientado na Inglaterra, o filme possui diversas imagens como conceitos, seja a formação social que cada mulher recebeu de suas famílias. Mostra também a luta pela igualdade de direitos trabalhistas. Um fato curioso é que, ao término do filme, vemos o ano que cada nação concedeu as mulheres direito ao voto ao redor do mundo e isso mostra que não temos um planeta onde cada mulher tem seu direito respeitado e garantido.

Ao longo do filme vemos que o convite para participar da luta pelos direitos é algo feito e nem sempre aceito pelas mulheres da fábrica, e com isso muitas diziam: “não quero ir a uma passeata, o que meus vizinhos irão pensar de mim!?”. E com isso, em nenhum momento, teve uma personagem indo as passeatas obrigadas pelas colegas, vemos que era um ato voluntário. Ainda vemos que existe uma diferença salarial entre gênero, além de uma jornada diferente dentro do próprio ambiente de trabalho, e a terceira jornada é outro adendo do longa. O abuso do chefe, não apenas um abuso verbal, mas o abuso sexual também.

Uma frase no filme que gostaríamos de destacar é da personagem Maud Watts (Carey Mulligan), ela diz: “Imaginar que seria possível uma outra forma de viver essa vida”, essa fala acontece quando é questionado os motivos de qual seria o significado da conquista do direito ao voto para ela. A história da personagem central do filme apresenta que ela começou a trabalhar na fábrica desde muito cedo, com 7 anos ela trabalhava meio período e a partir dos 12 anos em tempo integral. A mãe dela já trabalhava nessa fábrica, levava a filha desde o parto já que era uma exigência da época, cuidar e amamentar a filha no emprego, sem parar de trabalhar, infelizmente a mãe de Maud morreu quando ela tinha 4 anos, um acidente em que uma caldeira despencou e queimou ela até a morte. Em outro momento do filme vemos um diálogo entre Maud e seu marido, logo após a segunda prisão que ela sofre no filme ele questiona o comportamento dela dizendo: “Sonny: Você é uma mãe. Você é uma

esposa. Minha esposa. É isso que você deve ser. E a resposta de Maud: Eu não sou só isso agora.”

## **Moana**

Na animação podemos perceber o peso de uma tradição que recai sobre a personagem Moana. Ela é filha do chefe da ilha e com isso deve por obrigação seguir os ensinamentos e ritos de passagem que um deve ter. Respeitando as regras do seu pai de jamais ultrapassar a barreira de corais que separa o alto mar da praia que cerca a ilha. Desde muito nova Moana não consegue seguir regras, ela gosta de seguir seu coração e sua intuição, apoiada pela Tala (avó paterna) que estimula ela a fazer tudo que quiser.

Em um determinado momento, a ilha deixa de dar frutos, o mar de dar peixes e a população precisa se alimentar, com isso Moana já está numa espécie de estágio obrigatório com seu pai e resolve aconselhar ir além da barreira de corais e com isso recebe mais uma represália, e, dessa vez mais, forte, pois está diante de outros homens da ilha e com isso ele deve mostrar seu poder paternal. Em um diálogo com a filha o chefe diz o seguinte: “Você será a grande chefe do nosso povo. [...], mas primeiro, precisa aprender onde é o seu lugar”

O ponto alto do filme é que temos acesso a uma princesa da Disney que não busca um casamento, não existe príncipe, é uma personagem da tribo de Motonui da Polinésia. O nome Moana significa “oceano” na língua maori e foi escolhida pelo oceano para reunir uma relíquia mística e trazer de volta a divindade Te Fiti (cria a vida), enfrentando a fúria de Te Ka (demônio de lava).

Para essa jornada ela mergulha na lenda que relata que Maui, um semideus que roubou o coração de Te Fiti. Rompendo os limites impostos pelo chefe da ilha Moana segue em busca de cumprir sua missão de devolver o coração da deusa. No primeiro encontro dela com Maui, ele se apresenta com uma personalidade extremamente narcisista e sugere que Moana é uma fã e quer um autógrafo. E por essa personalidade ele nega acompanhá-la na missão, mas a inteligência da Moana faz ela apelar para vaidade do semideus, dizendo que ele pode ser um herói. Em outro diálogo que gostaria de chamar atenção vemos a vontade dela em romper a tradição de que navegação é coisa de homem, ela diz:

**Moana:** Eu quero que me ensine. Minha função é levar o Maui através do grande oceano, eu devia navegar!

**Maui:** Tem que ser aventureiro, princesa. Não se trata só de navegar, você tem que ver pra onde vai com a sua mente. Saber onde está, mas também saber por onde passou.

**Moana:** Olha, um: eu não sou uma princesa, eu sou a filha do chefe.

**Maui:** Mesma coisa.

**Moana:** Não.

**Maui:** Se tá de vestido e tem um bichinho de estimação, é uma princesa. Não é uma aventureira e nunca será aventureira.

## **Decisão de Risco**

Todas as ações do filme ocorrem em um único dia, a história narra como foi uma reunião secreta numa ação combinada entre os governos do Reino Unido e dos Estados Unidos em busca de capturar terroristas no Quênia. Com o apoio do exército do Quênia, a missão se torna complicada e com isso alguém precisa tomar a decisão de como agir nesse momento tão crucial. O suspense do filme se dá em vários níveis diversos, um desses níveis é a hierarquia dentro da ação militar, que envolve também políticos. Os políticos em muitos momentos do filme ficam alheios aos fatos e apenas dizem atacar ou não atacar. A personagem central é a coronel Katherine Powell (Helen Mirren).

Na operação, a coronel vê que uma missão suicida está em curso para ocorrer talvez em um shopping center local. Dois homens têm explosivos colocados em seus corpos, além disso, uma mulher que é alguém importante no comando do grupo terrorista Shabab está na casa também, que não pode sofrer um cerco do comando militar, pois está localizada num bairro controlado pelo grupo Shabab. A única possibilidade que a coronel em conjunto com comando militar dos Estados Unidos é um ataque com drones e bombardear a casa, evitando assim o eminente ataque que está em curso.

Porém a coronel não tem o poder de simplesmente dar a ordem do ataque, mesmo contando com o apoio norte americano, inglês e queniano. Existe uma cadeia de autoridades que devem dizer sim para o ataque, e essas autoridades precisam ser contactadas rapidamente. Primeiramente um grupo de políticos e assessores do primeiro ministro inglês se recusam a tomar a decisão do ataque e delegam essa função aos outros políticos. Do lado de fora da casa, uma menina vende pães que a mãe faz e com isso o ataque pode ocasionar ferimentos nessa criança e o impasse

aumenta. A coronel é controladora, tem poder, porém não vemos uma personagem desumana.

As guerras foram analisadas por olhos de filósofos, nos anos de 1990 o francês Jean Baudrillard publicou um texto chamado “A Guerra do Golfo não Aconteceu”. Seu argumento vai além de apenas analisar o mundo pós-Guerra Fria, mas também analisa as tecnologias que tornam o universo virtual tão real. No filme temos o debate de como um ataque pode acontecer do outro lado do oceano, num outro continente. Os drones hoje são silenciosos, invisíveis aos radares e controlados à distância por alguém que nem precisa saber o motivo do ataque.